



Caren Caroline Paulo Ferreira

**Mercado São Sebastião – um estudo sobre o
projeto da Cruzada São Sebastião como parte da
construção urbana carioca na década de 1960**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação em Serviço Social do Departamento de Serviço
Social da PUC-Rio.

Orientador: Profº Rafael Soares Gonçalves

Rio de Janeiro
Abril de 2022



Caren Caroline Paulo Ferreira

**Mercado São Sebastião – um estudo sobre o
projeto da Cruzada São Sebastião como parte da
construção urbana carioca na década de 1960**

Dissertação apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Profº Rafael Soares Gonçalves

Orientador

Departamento de Serviço Social – PUC-Rio

Profª Valéria Pereira Bastos

Departamento de Serviço Social – PUC-Rio

Profº Ciro Andrade da Silva

Universidade Federal dos Vales do
Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM

Rio de Janeiro, 25 de abril de 2022.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

Caren Caroline Paulo Ferreira

Graduou-se em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 2017. Durante o curso de graduação ingressou no Laboratório de Estudos Urbanos e Socioambientais – LEUS através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científicas onde deu início aos estudos sobre o tema também abordado nesta dissertação. Participou de diversos seminários e cursos sobre o tema e atualmente trabalha como assistente social inserida na política de Proteção Social Básica.

Ficha Catalográfica

Ferreira, Caren Caroline Paulo

Mercado São Sebastião: um estudo sobre o projeto da Cruzada São Sebastião como parte da construção urbana carioca na década de 1960 / Caren Caroline Paulo Ferreira ; orientador: Rafael Soares Gonçalves. – 2022.

72 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Serviço Social, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Serviço Social – Teses. 2. Urbanização. 3. Cruzada São Sebastião. 4. Mercado São Sebastião. 5. Dom Helder Câmara. 6. Subúrbio. I. Gonçalves, Rafael Soares. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Serviço Social. III.

CDD: 361

Aos meus pais, Érica e Claudio, ao meu marido,
Bruno, e a minha avó, Maria de Jesus, por todo
incentivo, apoio e oração.

Agradecimentos

Muito tenho a agradecer por ter chegado até aqui, na formalização desta dissertação, e comecei pelos meus pais, Érica e Claudio. Fui muito privilegiada em ter nascido nessa família – nada tradicional – com muito amor, respeito, força e incentivos para que eu crescesse uma mulher segura e forte.

Agradeço às minhas avós, Inês e Maria, e principalmente à Maria por tantos anos de dedicação a mim, que vibrou e orou muito para que eu chegasse ao curso do mestrado.

Ao Bruno, que além de ter se tornado meu marido durante esse processo, é meu companheiro de vida, de fé, de esperança em dias melhores e meu porto seguro nos momentos de aflição. Sem ele teria sido mais difícil.

A minha amiga Yanka Martins, que conheci durante a graduação e nos tornamos irmãs na vida. Que me incentiva e apoia diariamente, e que foi um ombro amigo durante esses dois anos, dividindo as dores e alegrias da pós-graduação.

Ao meu orientador, Rafael Soares, por ter mais uma vez me dado a oportunidade de trabalharmos juntos, pela confiança, pela empatia e paciência. Sempre muito gentil e atencioso em cada etapa. Muita gratidão.

As minhas companheiras de turma. Todas nós, muito entusiasmadas com o ingresso no curso, fomos surpreendidas na segunda semana de aula com a pandemia do coronavírus. Fomos pioneiras no ensino remoto do Programa de Pós-Graduação, num lento processo de adaptação, insistimos, nos apoiamos e estamos finalizando, juntas, essa missão. A admiração por todas é imensa.

Ao CNPQ e a PUC-Rio pelo apoio concedido, sem os quais dificultaria a conclusão deste trabalho.

Ao Departamento de Serviço Social, professores e membros da secretaria, pelo suporte e ensinamentos compartilhados

Aos professores Valéria Bastos e Ciro Andrade, por gentilmente aceitarem compor essa banca de avaliação e pelas contribuições durante a qualificação do projeto de dissertação.

Por fim, agradeço imensamente e todos os dias à Deus por ser meu apoio, minha fé, minha fé e também meu conforto.

Resumo

Ferreira, Caren Caroline Paulo; Gonçalves, Rafael Soares. **Mercado São Sebastião – um estudo sobre o projeto da Cruzada São Sebastião como parte da construção urbana carioca na década de 1960.** Rio de Janeiro, 2022, 72p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação pretende fazer uma reflexão sobre o período de construção e os anos iniciais de atuação do Mercado São Sebastião, compreendendo as transformações urbanísticas na cidade do Rio de Janeiro. Esse mercado é uma obra da Cruzada São Sebastião, instituição vinculada a Igreja Católica, fundada por Dom Helder Camara com o objetivo de urbanizar as favelas cariocas e proporcionar melhores condições de moradia aos seus moradores. A venda dos lotes e espaços do mercado São Sebastião seriam utilizados para financiar os projetos urbanísticos da cidade. Trata-se de um estudo qualitativo, com base teórica sobre o processo de urbanização da cidade nas décadas de 1950 e 1960. A pesquisa tem suporte documental sobre o acervo Maria Luiza e Edgar Amarante, doado ao Núcleo de Memória da PUC-Rio e que contém centenas de documentos sobre os projetos da Cruzada São Sebastião. Na elaboração da dissertação foi utilizado também a hemeroteca da Biblioteca Nacional com pesquisas de jornais da época. Por fim, o estudo buscou resgatar os motivos pelos quais o Mercado deixou de ser uma grande influência como centro de abastecimento da cidade e foi paulatinamente abandonado por parte de seus administradores e dos poderes público.

Palavras-chave

Urbanização; Cruzada São Sebastião; Mercado São Sebastião; Dom Helder Câmara; subúrbio; território.

Abstract

Ferreira, Caren Caroline Paulo; Gonçalves, Rafael Soares (Advisor). **Mercado São Sebastião – a study on the Project of the Cruzada São Sebastião as part of the urban construction of Rio de Janeiro in the 1960s**. Rio de Janeiro, 2022, 72p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation aims to reflect on the construction period and the initial years of operation of the Mercado São Sebastião, urban transformations in the city of Rio de Janeiro. This market is a work of the Cruzada São Sebastião, an institution linked to the Catholic Church, founded by Dom Helde Câmara with the object of urbanizing Rio's favelas and providing better housing conditions for its residents. The sale of lots and spaces of the Mercado São Sebastião would be used to finance the city's urban projects. This is a qualitative study, based on the theoretical process of urbanization of the city in the 1950s and 1960s. The research has documentary support on the collection Maria Luiza and Edgar Amarante given to the Memory Center of PUC-Rio, which contains hundreds of documents on the projects of the Cruzada São Sebastião. The researcher used the hemeroteca of the National Library with the research of newspapers of the time. Finally, the project seeks to rescue the reasons why the market is no longer a major influence as a supply center of the city and was abandoned by its administrators and the public authorities.

Keywords

Urbanization Cruzada São Sebastião; mercado São Sebastião; Dom Helder Câmara; suburb; territory.

Lista de figuras

Figura 01. Folheto para angariar fundos para a Urbanização do Morro Azul.	23
Figura 02. Folheto para explicar aos moradores do Leblon a construção dos prédios do Bairro São Sebastião	24
Figura 03. Trecho de matéria que descreve a iniciativa de Dom Helder sobre a construção do Mercado São Sebastião	25
Figura 04. Rua Acre na década de 1960, com trânsito intenso	30
Figura 05. Relato sobre a mudança do mercado municipal e a inauguração do Mercado São Sebastião	31
Figura 06. Reportagem sobre a rapidez na construção do novo centro de abastecimento.	32
Figura 07. Explicação sobre mercado como projeto de autofinanciamento para Cruzada.	34
Figura 08. Documento enviado por Dom Helder ao Prefeito da cidade sobre o andamento da obra.	35
Figura 09. Documento enviado por Dom Helder ao Prefeito da cidade sobre o andamento da obra.	36
Figura 10. Trecho de matéria que relata a festa de inauguração do mercado.	37
Figura 11. Pessoas que acompanhavam a inauguração do Mercado São Sebastião.	38
Figura 12. Pessoas que acompanhavam a inauguração do Mercado São Sebastião.	38
Figura 13. Matéria sobre a construção do Mercado.	42
Figura 14. Matéria sobre a construção do Mercado, incluindo setor residencial.	43
Figura 15 – Declaração de Francisco Negrão de Lima.	44
Figura 16 – Reportagem sobre início das obras de pavimentação das ruas do Mercado São Sebastião.	45
Figura 17. Imagem de Satélite da Área do Mercado São Sebastião e seus entornos, atualmente.	55
Figura 18. Uma das ruas do Mercado São Sebastião sem asfalto.	56

Sumário

1.	Introdução	11
2.	Dom Helder Câmara e o projeto da Cruzada São Sebastião	12
	2.1 Dom Helder Câmara	19
	2.2 Cruzada São Sebastião	23
3.	A criação do Mercado São Sebastião	29
4.	Desenvolvimento do Mercado enquanto território	48
5.	Implicações geográficas para abandono do Mercado	54
6.	Considerações Finais	60
7.	Referências Bibliográfica	63
8.	Anexos	66

1

Introdução

A presente pesquisa se integra em uma experiência anterior de pesquisa, que data ainda da graduação. Em 2017, ingressei como aluna do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio, onde eu cursava o último ano de bacharelado em Serviço Social, e pelo Núcleo de Memória da PUC-Rio, que é um setor que busca preservar a memória da Universidade, através de pesquisas, eventos e principalmente, tratamento de acervos.

Cabe afirmar aqui que a motivação pessoal se deu a partir da aproximação com o objeto estudado, justamente no contexto desse projeto de iniciação científica, quando trabalhei no tratamento de um acervo doado pelo Casal Edgar e Maria Amarante, que trabalharam diretamente com Dom Helder Câmara na Cruzada São Sebastião ao Centro de Memória da PUC-Rio. Esse acervo é composto por documentos diversos (atas, relatórios, projetos, fotos...) dessa instituição. O contato com esse acervo me instigou a trabalhar a experiência do Mercado São Sebastião, algo muito comentado pelos documentos e com forte importância nas atividades da Cruzada, mas que foi relativamente esquecido quando abordamos a história dessa instituição. Da mesma forma, há poucos trabalhos sobre o mercado nos trabalhos sobre a evolução urbana do Rio de Janeiro.

A entrada na pesquisa foi uma parceria entre o Núcleo de Memória e o Departamento de Serviço Social da PUC-Rio, sob a orientação do professor Dr. Rafael Soares Gonçalves, que coordena o Laboratório de Estudos Urbanos e Socioambientais - LEUS1, onde seria estudado o acervo Maria Luiza e Edgar Amarante. Pude, assim, participar da catalogação das dez caixas com centenas de documentos diversos produzidos por Dom Helder e pela Cruzada São Sebastião, e desta forma, iniciar a pesquisa que se estendeu até o presente trabalho de pós-graduação.

A relevância científica da presente pesquisa se mostra necessária na perspectiva de tentar suprir a lacuna temporal de informações acerca do Mercado São Sebastião e os seus rebatimentos para a cidade do Rio de Janeiro, além de proporcionar o aumento da discussão urbana dentro dos cursos de Serviço Social, ainda pouco sistematizada e

1 Grupo de pesquisa certificado pelo CNPQ desde 2009, coordenado pelo Professor Dr. Rafael Soares Gonçalves, que tem como área de estudo predominante estudos urbanos e socioambientais dentro das Ciências Sociais Aplicadas. O grupo integra a Linha de Pesquisa 3 – Questões socioambientais, urbanas e formas de resistência do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC-Rio.

abordada dentro da categoria profissional e acadêmica, perante as outras ferramentas de atuação.

Já sua relevância social se dá pela busca do entendimento do processo de dinamização da cidade, à medida que o mercado construiu novas centralidades com o deslocamento de importantes atividades comerciais para áreas mais periféricas da cidade. Em contrapartida, o abandono recente de suas atividades ocasionou desempregos, o que poderia ter sido minorado caso ainda estivesse recebendo investimentos e atenção do poder público.

O centro de abastecimento São Sebastião está localizado, conforme já mencionamos anteriormente, no bairro da Penha, zona norte da cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente na Avenida Brasil, via expressa de grande movimento da cidade que liga o centro carioca à diversos bairros suburbanos e também à zona oeste.

Inicialmente, o mercado foi pensado, como já mencionado, dentro de um plano de autofinanciamento para os projetos urbanísticos e habitacionais da Cruzada São Sebastião. A renda obtida através da venda e aluguel de seus lotes e galpões seriam destinadas a suprir financeiramente os projetos que estivessem em vigor na Cruzada.

Em seus anos iniciais, o mercado teve um bom funcionamento e ganhou destaque nos jornais da época como importante centro de abastecimento hortifrutigranjeiro do país. Entretanto, com o passar das décadas, foi sofrendo com o descaso público e a violência urbana.

Inicialmente, o objeto da pesquisa foi pensado a partir de um cenário mundial sem pandemia², onde o recorte de estudo seria uma análise teórica buscando entender como, apesar de toda sua amplitude social e econômica, e forte potencializador das transformações sociais e urbanas da cidade, o Mercado São Sebastião teria sofrido abandono desde o final dos anos 1990.

A pesquisa contaria com a análise documental e análise das entrevistas com trabalhadores e pessoas envolvidas nos anos iniciais e atuais do Mercado, através de uma construção a partir da narrativa oral de memória desses personagens envolvidos. Com as medidas de segurança frente à Pandemia, tornou-se complexo e ainda mais desafiador entrevistar moradores, gestores ou trabalhadores do mercado, sobretudo pelo interesse de entrevistar sobretudo pessoas mais idosas. Sendo assim, e com receio do tempo curto de pesquisa e análise, o recorte de estudo foi alterado no decorrer do processo de pesquisa.

² Desde o início de 2020, o Brasil e o mundo foram atingidos pela pandemia do novo Coronavírus, ocasionada pelo vírus COVID-19, tornando-se caso de calamidade pública e sanitária, onde passamos a evitar o contato físico e presencial como forma de minimizar o contágio da doença.

Nesse primeiro momento de pesquisa, objetivava entender como se deu o processo de abandono do mercado, como ocorreu o processo de decadência de suas dependências, tendo em vista toda sua forte influência na economia da cidade. Levantei a hipótese de que o início da crise sofrida pelo mercado teria sido ocasionado pela saída da Cruzada São Sebastião e de Dom Helder Câmara, uma vez que ele foi obrigado, por pressões políticas de setores reacionários da Igreja e da sociedade, a assumir o cargo de arcebispo de Olinda e Recife. Esse fato se deu em virtude da sua grande influência no Brasil e em outros países a favor dos direitos humanos e da atuação da Igreja em seu compromisso com a liberdade e com as causas sociais.

Outra possibilidade levantada inicialmente seria que o abandono sofrido pelo mercado teria sido motivado por um conflito jurídico de gestão fundiária, que provocou ausência de legalização dos galpões, e, por consequência, um conflito entre a prefeitura e os empresários pela responsabilidade da revitalização do espaço do Mercado.

Além da localização do Mercado também contribuiu como fator de abandono, uma vez que se encontra no subúrbio carioca, em uma área do subúrbio, que sofreu particularmente com a questão da violência nas últimas décadas, nos anos seguintes após a construção do Mercado, surgiram novos centros de abastecimento na cidade, ocasionando uma certa concorrência e conflito com outros mercados.

Com os entraves ocasionados pela pandemia de covid-19, cujas medidas restritivas se iniciaram exatamente na segunda semana no início do curso do mestrado no Brasil, os planos iniciais de pesquisa ficaram limitados, sofrendo ajustes e adaptações. Por isso, diante de toda análise teórica que serviu como base de estudo, centro meu objeto em entender como ocorreu o processo de construção do Mercado São Sebastião, com contextualização histórica da sua fundação, que serviu de base para que ele se tornasse um forte potencializador das transformações sociais e urbanas da cidade, com sua amplitude social e econômica.

O objetivo desse trabalho é analisar como se deu o processo de formação do Mercado São Sebastião a partir dos anos 1950, compreendendo o impacto dessa iniciativa para a configuração urbana da cidade. Pretende-se, assim, compreender como a construção do mercado se insere na lógica da expressão e representação da ordem social capitalista do período e seus desdobramentos na produção do espaço urbano.

A presente pesquisa é de cunho explicativa, entendendo causas e efeitos, através de uma pesquisa bibliográfica e documental, utilizando o método qualitativo para melhor análise e interpretação dos discursos.

Partiremos da análise documental do acervo Maria Luiza e Edgar Amarante, que é composto, como mencionado anteriormente, por documentos da história da Cruzada

São Sebastião e de seus projetos, conseqüentemente abarca o projeto de criação do Mercado São Sebastião. Dentro da análise documental também será inserida a pesquisa em jornais e revistas na base digital da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, que contenham reportagens e matérias sobre a construção, financiamento, inauguração, desenvolvimento, abandono e propostas de revitalização do espaço do mercado e as conseqüências iniciais de seu abandono.

Acredito que estudar o Mercado São Sebastião é reativar a memória da história da formação urbana da cidade do Rio de Janeiro. Esse centro de abastecimento também é fruto de uma das principais e grandiosas influências para a construção da zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, e organizar sua história e seu processo de formação e transformação durante seus anos de funcionamento enriquece a produção documental sobre a evolução da política urbana no cenário carioca, da década de 1950 até os dias atuais.

Sendo assim, este trabalho tem como propósito apresentar, a partir da contextualização histórica e documental, o Centro de Abastecimento São Sebastião, mais conhecido como Mercado São Sebastião, localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, mais precisamente no Bairro da Penha às margens da Avenida Brasil. Criado por Dom Helder Câmara e inaugurado na década de 1960 foi um dos inúmeros projetos implementados pela instituição católica Cruzada São Sebastião. O trabalho visa, assim, traçar historicamente a fundação e a implementação do mercado.

Não há como analisar o mercado sem compreender previamente a atuação da Cruzada São Sebastião dentro da política pública habitacional nas décadas de 1950 e 1960 no Rio de Janeiro. Da mesma forma, compreender a escolha do local para implementar o mercado, assim como o relativo abandono de suas atividades nas últimas décadas, o que estimula uma reflexão sobre o lugar de ocupação do mercado e sua devida importância social, histórica, urbana e econômica para a cidade.

O primeiro capítulo é a presente introdução. Veremos, a partir do segundo capítulo deste trabalho o que foi e como atuou a Cruzada São Sebastião, uma instituição da Igreja Católica que funcionou efetivamente entre 1955 e o começo da década de 1960, com o objetivo de articular a sociedade civil, a iniciativa privada e o poder público no seu projeto de urbanizar e cristianizar as favelas cariocas em curto espaço de tempo, e de uma maneira distinta das que vinham sendo feitas anteriormente. O objetivo da Cruzada São Sebastião, quando criada, era resolver o “problema” das favelas até o quarto centenário da cidade, em 1965.

Oliveira (2021, p.140) ressalta que para além do projeto de promover melhores condições de vida e habitação para o povo favelado, a Cruzada queria empreender um

trabalho moral e difundir os preceitos cristãos face ao crescimento do comunismo nos grupos populares da cidade, através de um processo de humanização que tinha como eixo central a recuperação das famílias marginalizadas da sociedade.

Ainda no segundo capítulo, apresentaremos a figura de Dom Helder Câmara (1909 - 1999), grande líder da Igreja Católica que foi o fundador e idealizador da Cruzada São Sebastião. Era ele quem articulava as negociações com o Poder Público e os representantes da iniciativa privada e da sociedade civil para financiar e executar obras e projetos que impactariam direta ou indiretamente as políticas públicas de habitação carioca.

O terceiro capítulo: a criação do Mercado São Sebastião, abordaremos o processo de criação do mercado, analisando como Dom Helder negociou com os representantes do executivo e como se deu os primeiros anos de funcionamento do centro de abastecimento, que foi inicialmente pensado para substituir o antigo mercado municipal localizado no centro da cidade na Praça XV. O mercado foi pensado como forma de autofinanciamento das atividades da Cruzada, que obteria recursos para a urbanização das favelas através da venda de lotes e espaços na área do empreendimento mercantil.

No quarto capítulo, Desenvolvimento do Mercado enquanto território, será abordado, em dois tópicos, as categorias de análise teórica que dão suporte a pesquisa e que se enquadram como referência a pesquisa documental feita nos capítulos anteriores. Primeiramente, uma análise sobre como as relações sociais são influenciadas pelo modo de acumulação capitalista e pelo desenvolvimento neoliberal. E o segundo momento sobre como o fato do mercado ser localizado no subúrbio carioca pode ter influenciado na ausência de ferramentas do Estado para controle e conservação do mesmo ao longo das últimas décadas.

2.

Dom Helder Câmara e o projeto da Cruzada São Sebastião

Entre os anos 1930 e 1945, marcado pela Era Vargas, o cenário político, social e econômico, que eram preocupações públicas, teve a habitação social como uma questão forte de debate e investimento. O problema habitacional girava em torno das condições precárias em que os operários viviam, e conseqüentemente, formavam suas personalidades e consciência ideológica.

A política social da época beneficiaria, sobretudo os trabalhadores inseridos no mercado de trabalho de maneira formal, ou seja, aqueles trabalhadores que possuísem a carteira de trabalho assinada. Seriam beneficiados aqueles que estivessem empregados em atividades cobertas pelos Institutos de Aposentadorias e Pensão (IAPs). Fato que muitos moradores de favelas não tinham a carteira de trabalho assinada, logo ficavam fora da cobertura dos IAPs. A Fundação da Casa Popular, criada pelo governo Eurico Gaspar Dutra, tinha um público-alvo mais abrangente, mas sua atuação foi mais limitada que os IAPs.

No processo de industrialização e acentuada migração, as várias localidades identificadas como favelas acompanharam as mudanças do mercado de trabalho e da urbanização. Ao contrário da imagem de ausência do poder público ou de “desordem”, a história social da informalidade urbana no Rio de Janeiro ressalta a importância da estruturação de políticas habitacionais e do serviço social, e a politização dos espaços e identidades sociais na articulação dos associativismos com a esfera pública (Oliveira ,2021, p. 111).

O Estado enquanto regulador e mediador, usava das políticas públicas como mecanismo de controle da expansão das favelas

As estatísticas produzidas pelo Estado acompanharam a tentativa de racionalizar as políticas públicas nas favelas. Na narrativa das estatísticas, o Rio de Janeiro e o Brasil passavam por uma rápida “revolução industrial”, gerando desequilíbrio em sua estrutura social. [...] contudo, o espaço urbano carioca reproduziria uma estrutura social desigual, marcada pelo modelo segregacionista que também afetou a dinâmica das políticas públicas – distribuindo de forma desigual e sem serem universalizadas. [...] A expansão dos territórios das favelas era vista como resultado do processo de migração e inserida na complexificação do mercado de trabalho urbano-industrial (Oliveira , 2021, p.121).

Durante a década de 1940, segundo Oliveira (2021), o legislativo e o executivo do Rio de Janeiro receberiam inúmeras manifestações para suspender despejos

coletivos e pela luta do “direito de moradia” nas favelas. Essas manifestações contestavam o status ilegal das favelas e articulavam identidades sociopolíticas que contestavam a representação das favelas como espaço marginal e das classes perigosas

Nesse projeto de “urbanização” e humanização das favelas, ao mesmo tempo que havia uma preocupação com a heterogeneidade das favelas, com o conhecimento e a diferenciação dos tipos sociais e da caracterização das formas de ocupação, falava-se também numa seletividade para a erradicação da marginalidade social. Tratar o morador de favela como um trabalhador, reconhecer sua inserção no mercado e sua contribuição para os Institutos de Aposentadoria e Pensão, não implicava apagar as categorias de exceção, mas operar uma seletividade na ótica do serviço social (Oliveira ,2021, p.135,).

Já no contexto do Estado Novo (1937-1945), é reforçado o tratamento da presença da favela na cidade como um problema, que deveria ser solucionado através de medidas do Estado. Para solucionar o “problema das favelas”, foram criados os Parques Proletários provisórios, para que trabalhadores favelados desocupassem as favelas, e morassem próximos aos seus locais de trabalho, porém tal estilo de habitação não teve sucesso para enfrentar a questão das favelas.

A ideia inicial dos parques proletários seria de abrigar cerca 300.000 favelados e posteriormente, as pessoas transferidas voltariam para áreas próximas daquelas em que viviam, assim que estivessem urbanizadas. (Burgos , 2006). Os parques proletários foram palanques importantes para a propaganda política do Estado Novo, e conseqüentemente os moradores deveriam expor sua gratidão ao presidente da República (Burgos , 2006).

Na totalidade, foram construídos apenas três parques proletários, sendo eles na Gávea, no Caju e no Leblon, que chegaram a acomodar pouco mais de 4.000 pessoas. Com o fim do investimento, a construção das casas foi abandonada, e as casas permanentes nunca foram concluídas. Vale destacar que os moradores eram obrigados a abandonarem suas casas e irem para os Parques, a partir de uma perspectiva de regulação do Estado.

O autoritarismo da pedagogia civilizatória ensaiada e a precariedade das instalações (concebidas como provisórias) não faziam dos parques uma ideia atraente para os moradores das favelas, razão pela qual criaram, ainda em 1945, as comissões de moradores, inicialmente no morro do Pavão/Pavãozinho e pouco depois nos morros do Cantagalo e da Babilônia, como forma de opor

resistência a um suposto plano da prefeitura de remover todos os moradores para os parques (Burgos , p. 28, 2006).

Na mesma época, crescia no país o ideário comunista. Com forte adesão popular nas eleições de 1945 e 1947, o Partido Comunista Brasileiro foi proibido de exercer suas funções políticas pelo então presidente Eurico Gaspar Dutra. No entanto, os comunistas, mesmo na clandestinidade, continuavam a exercer forte presença nas favelas e bairros populares. Para fazer frente à popularização do comunismo, a Igreja Católica, em parceria com a prefeitura do Distrito Federal criou em 1946 a Fundação Leão XIII. Tratava-se de uma instituição beneficente com objetivo de assistir aos favelados cariocas. A Igreja Católica, objetivava conquistar lugares de prestígio não só na sociedade civil, mas também perante o Estado.

O impulso organizativo dos excluídos foi suficiente para despertar nos setores conservadores da cidade o velho temor da sedição, mais tarde traduzido no *slogan* “é necessário subir o morro antes que os comunistas desçam” (Lima, 1989:73). Foi instrumentalizando esse *fantasma* que a Arquidiocese do Rio de Janeiro e a prefeitura da cidade negociaram a criação de uma instituição dedicada à assistência material e moral dos habitantes dos morros de favelas do Rio de Janeiro. Daí surgiu, ainda em 1946, a Fundação Leão XIII (Burgos, 2006, p.29.).

A Fundação Leão XIII atuava através da preparação e capacitação dos favelados para viverem nas habitações populares que seriam construídas pelo Estado, presumindo a integração desse grupo à vida em sociedade. Suas ações eram pautadas em princípios e critérios religiosos, segundo Burgos (2006) , “ao invés do conflito político, a fundação traria o diálogo e a compreensão; ao invés da luta pelo acesso a bens públicos, o assistencialismo”.

Os favelados seriam “reeducados”, uma vez que as precariedades das condições de vida presentes nas favelas estavam associadas à falta de educação. Para a Fundação, se esses moradores tivessem uma nova educação, o problema da favela estaria resolvido. Entre 1947 a 1954, a Fundação Leão XIII manteve oito Centros de Ação Social que contavam com o suporte profissional de assistentes sociais, médicos, enfermeiros e professores. Implementou serviços básicos como luz, esgoto e água nas favelas em que trabalhou, sendo um total de 34 favelas atendidas pela Fundação Leão XIII.

A década de 1950 marca a ligação entre favelas, políticas públicas e a Igreja através de suas lideranças, que causa um aprofundamento dessa instituição dentro da busca pela solução “do problema” das favelas. Dessa forma, procuram articular o controle público do Estado, através dos direitos sociais, com as figuras de lideranças que fossem buscar os problemas infraestruturas das favelas.

2.1 Dom Helder Câmara

Antes de descrevermos a formação e atuação da Cruzada São Sebastião, é preciso apresentar seu fundador, o bispo católico Dom Helder Câmara.

“Se dou pão aos pobres, todos me chamam de santo. Se mostro por que os pobres não têm pão, me chamam de comunista e subversivo”, essa foi a frase mais emblemática e conhecida de Dom Helder Pessoa Câmara, que traduz muito de sua trajetória e seu legado. Líder da Igreja Católica por muitos anos, foi um grande defensor dos direitos humanos e principalmente dos pobres e favelados.

Nascido em Fortaleza, no Ceará, em 07 de fevereiro de 1909, filho de João Eduardo, um jornalista e Adelaide Pessoa, uma professora, que a contar com Helder, tiveram juntos 11 filhos, dentre eles apenas 8 sobreviveram.

Desde sua infância Dom Helder apresentava sua vocação para a vida religiosa, ainda aos 11 anos de idade ingressou no seminário, três anos depois, em 1923, com apenas 14 anos, ingressou no Seminário Diocesano de Fortaleza em 1923, o Seminário da Prainha de São José, e lá cursou o ensino médio, filosofia e teologia. Aos 22 anos foi ordenado padre e passou a acompanhar os Círculos Operários Cristãos e a Juventude Operária Católica (JOC), influenciando a alfabetização de adolescentes pobres e a Sindicalização Operária Feminina, uma organização sindical de mulheres lavadeiras, passadeiras e empregadas domésticas.

Sua formação foi inicialmente baseada em um viés nacionalista e conservador, o que incentivou Dom Helder integrar a Ação Integralista Brasileira³ como secretário do setor de estudantes, mas ao perceber que o movimento apoiava regimes violentos, resolveu sair do grupo. Antes de sair do grupo em busca de perspectivas progressistas,

3 A Ação Integralista Brasileira foi um movimento político no Brasil marcado pelo ultranacionalista, tradicionalismo católico, conservadorismo de extrema direita. Inspirado principalmente no fascismo italiano e baseado na doutrina Social da Igreja Católica. Fundado em sete de outubro de 1932 por Plínio Salgado, escritor e jornalista brasileiro. Eram conhecidos como os camisas-verdes, em referência à cor de seus uniformes.

Dom Helder participou e organizou manifestações, conferências, comícios. Após sua desistência em fazer parte do movimento, após 6 anos de dedicação, precisou se afastar para não sofrer retaliações. O lema do grupo era “Deus, Pátria, Família”.

Muito inteligente, Dom Helder usava a política, a educação e a religião como instrumentos de transformação social. Em 1936, quando transferido pela Igreja Católica para o Rio de Janeiro, atuou em diversos setores da educação como a Secretaria do Ministério e também do Conselho Federal, bem como participou da idealização da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, junto com o seu diretor espiritual, o Padre Leonel França.

Com destaque político e a imagem de líder, lutou expressivamente durante mais de uma década com o compromisso assumido de proporcionar transformações sociais a partir da educação e que fossem do interesse da Igreja.

Em 1952, mais precisamente em três de março, foi ordenado Bispo auxiliar do Rio de Janeiro, um mês depois ficou como bispo efetivo, que o levou, com sua admirável capacidade de articulação, a realizar em 1955, no Rio de Janeiro, o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, que reuniu bispos e cardeais de todo o mundo. Dom Helder foi parte da fundação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e um grande incentivador da renovação da Igreja e do colegiado dos bispos, na perspectiva de ampliar o compromisso social cristão.

Na década de 1950 fundou a Cruzada São Sebastião e o Banco da Providência, com intuito de viabilizar moradias aos favelados e fornecer melhores condições de vida à essa população. Bem como urbanizar as favelas cariocas até o quarto centenário da cidade. Sobre a história, fundação e trabalhos da Cruzada, dedicamos uma parte deste trabalho, já sobre o Banco da Providência, fundado em 1959, foi idealizado para administração dos recursos dos projetos sociais da arquidiocese do Rio de Janeiro.

Fernandes (2015) vai dizer que o objetivo principal do Banco da Providência é fazer com que famílias superem a pobreza e a desigualdade social. O intuito de Dom Helder era ter “um banco para os pobres que não têm acesso aos bancos do sistema financeiro”. O banco visava fortalecer as oportunidades de inserção no mercado de trabalho e na capacitação profissionais, e que pudesse ser autossustentável. Assim como o Mercado serviria de financiamento para os projetos da Cruzada, Dom Helder criaria a Feira da Providência para arrecadar recursos para uso no Banco. Até os dias de hoje, ocorre anualmente a Feira da Providência, que arrecada fundos para os projetos do Banco.

O Banco da Providência funciona atualmente a partir de seus programas e inclusão social estruturados através de agências, sendo elas: Agência de Famílias, para ciclos familiares que vivem em extrema pobreza; Agência da Cidadania, que oferta formação e inserção no mercado de trabalho para egressos do sistema penitenciários; Agência dos Jovens, com o intuito de fornecer capacitação; e a Comunidade Emaús que oferece suporte para homens em situação de rua. Nessas agências, os usuários atendidos têm um plano de metas e atitudes que proporcione a superação da extrema pobreza e das situações de risco e de vulnerabilidade as quais estão expostos.

Em 1964 com o avanço da ditadura no país e sua firme resistência ao regime militar e ao autoritarismo praticado, foi nomeado arcebispo de Recife e Olinda, sendo transferido para o estado de Pernambuco para ficar afastado dos holofotes e acontecimentos no Rio de Janeiro, onde denunciava as injustiças sociais, ganhando o apelido de Arcebispo Vermelho. Permaneceu à frente da Arquidiocese de Olinda e Recife até 1985.

Na condição de —promotor do desenvolvimento, dom Helder sugere alternativas políticas para o desenvolvimento (cooperação, reforma das estruturas e promover a Justiça Social). Para ele, o modo mais eficiente e rápido de se alcançar o desenvolvimento integral é promover a Justiça Social em âmbito nacional (—combater as diversas formas de expressão do colonialismo) e em escala mundial (—rever em profundidade a política internacional do comércio). [...] corrigindo as injustiças sociais e, por conseguinte, definindo novo destino para a Nação, baseado na Justiça como condição para a Paz (Souza, p. 47, 2015).

Durante a ditadura militar, Dom Helder foi considerado inimigo dos agentes governamentais, ele não podia ser citado em nenhum meio de comunicação, pois era considerado comunista, pelo fato de divulgar as repressões que vinham ocorrendo no país. Souza (2015) afirma que “todo o agir de Dom Helder tinha por trás um valor maior, que era a promoção da dignidade humana. Num cenário político controverso, ele defendeu a cidadania”.

Em 1985 foi substituído por Dom José Cardoso, um bispo conservador, mas ainda assim continuou com sua atuação em favor dos necessitados, criando campanhas contra a miséria e a fome. Em 27 de agosto de 1999, aos 90 anos de idade, após uma parada cardíaca, faleceu na cidade de Recife.

Declarado como Patrono Brasileiro dos Direitos Humanos em 2017 por meio da lei federal 13.581/2017, ele foi um dos grandes responsáveis por fortalecer as comunidades eclesiais de base⁴ que lutaram contra o regime em Pernambuco.

Vale fazermos uma ressalva sobre as CEBs, tendo em vista que tiveram papel central na organização do movimento sindical e também no movimento por moradia no Brasil, uma vez que

estariam não só preparando o povo como força viva nos movimentos, mas, sobretudo, conferindo a ele o processo de tomada de decisões. [...] esse papel desempenhado pelas CEBs demonstrou a dinâmica interna da Igreja Católica que reproduz a dominação política de classe impedindo que as massas tomem em suas próprias mãos o poder de decidir sobre seus rumos e de construir seus próprios instrumentos de ação. (Faria, p.107, 2013)

Dom Helder ficou conhecido mundialmente por lutar em favor dos direitos humanos, o que lhe rendeu muitos prêmios e títulos internacionais. Com quatro indicações, foi o brasileiro mais indicado ao Prêmio Nobel da Paz, foi doutor *honoris causa*⁵ 32 vezes em diversas universidades do Brasil e de países como a Bélgica, Suíça, Alemanha, Holanda, Itália e Canadá, recebeu o Prêmio Martin Luther King, nos Estados Unidos e o Prêmio Popular da Paz, na Noruega.

Foi intitulado como cidadão honorário em 28 cidades do país e mais 2 em cidades estrangeiras, nas cidades de São Nicolau, na Suíça e Rocamadou, na França. Somou, não só em vida, mas também após sua morte centenas de homenagens, como o nome de diversas organizações educacionais, sociais, políticas e religiosas vinculados à defesa dos Direitos Humanos. No Recife, ele também dá nome a dois conjuntos habitacionais (Iputinga e Vasco da Gama), um centro de saúde (Nova Descoberta), a duas escolas (Barro e Espinheiro), uma praça (Torrões), um centro cultural e esportivo (Ilha de Joana Bezerra), além de diversos logradouros.

Inclusive um dos principais logradouros da cidade do Rio de Janeiro leva seu nome, uma expressiva e conhecida via da Zona Norte, a Avenida Dom Hélder Câmara, antiga Avenida Suburbana, tem aproximadamente 11 km e liga o bairro de Benfica ao

4 As comunidades eclesiais de base (CEBs) são pequenos organismos da Igreja Católica em torno da paróquia que se caracterizam pela celebração dominical realizada por leigos, padres ou bispos; pela ampla participação na tomada de decisões, geralmente por meio de assembleias; e pela ligação entre a reflexão bíblica e a ação na sociedade.

5 Título mais importante concedido por uma Universidade, aprovado em sessão do Conselho Universitário, geralmente atribuído a personalidade eminente, nacional ou estrangeira, que tenha se destacado singularmente por sua contribuição à cultura, educação ou humanidade, conferido sem que a pessoa tenha passado por qualquer concurso ou exame classificatório.

de Cascadura, cortando os bairros do Jacarezinho, Manguinhos, Maria da Graça, Del Castilho, Cachambi, Engenho de Dentro, Pilares, Abolição, Piedade e Quintino Bocaiúva. A substituição de nome ocorreu por decreto do ex-prefeito Luís Paulo Conde, em 1999, embora muitos cariocas ainda a chamem e conheçam pelo antigo nome.

A arquidiocese de Olinda e Recife deseja que Dom Helder seja reconhecido como Santo, por toda trajetória e vida dedicada às causas sociais. Em 2014, iniciou-se o processo de canonização e beatificação de Dom Helder, meses depois o Vaticano o reconheceu como “servo de Deus”, uma das primeiras etapas para o processo que pode levar décadas para ser finalizado. A beatificação ocorre após o primeiro milagre confirmado e reconhecido pela Igreja, e após a comprovação do segundo ocorrerá sua canonização.

Após décadas de dedicação a causas relevantes para transformação societária, o legado de Dom Helder Câmara permanece vivo não só materialmente, como no processo histórico e na construção social, urbana e educacional do país e do mundo. Seu compromisso com a sociedade e com o respeito à dignidade humana atravessaram e ainda atravessarão décadas e gerações.

2.2 Cruzada São Sebastião

Em junho de 1955, enquanto o Rio de Janeiro se preparava para receber o Congresso Eucarístico Internacional, Dom Helder, impulsionado pelo então primaz francês, Dom Gerlier, que o desafiou a voltar sua atuação às favelas da cidade. Decide, assim, fundar a Cruzada São Sebastião, com a intenção de acabar com as favelas da cidade até 1965, ano em que a cidade do Rio de Janeiro completaria seu quarto centenário.

Slob (2002) contextualiza esse momento da criação da Cruzada São Sebastião:

[..] o primeiro deles concerne à decadência do trabalho da Fundação Leão XIII. Nos primeiros anos depois da sua criação, a Fundação Leão XIII era considerada uma instituição inovadora e empreendedora que realizava várias atividades pioneiras nas favelas do Rio de Janeiro. A partir de 1952, porém, estas atividades foram diminuindo e, nos anos seguintes, os trabalhos de vistoria, a fiscalização de obras e o serviço de conservação tornaram-se cada vez mais importantes na ação da Fundação Leão XIII. Desta forma, a criação da Cruzada São Sebastião justificar-se-ia pela necessidade de reaver o espírito dinâmico que caracterizara a ação da sua precursora em seus primórdios. O segundo motivo para a duplicidade de iniciativas é de índole política. Na época, a Arquidiocese do Rio de Janeiro parecia estar dividida em duas facções por causa de discordâncias político-partidárias. Desde a sua criação, a Fundação Leão XIII recebeu o apoio de políticos aliados à União Democrática Nacional (UDN), enquanto que a Cruzada São Sebastião se concretizou graças ao apoio do pacto populista

representado pelo Partido Social Democrata (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) (Slob, 2002, p. 47).

A proposta inicial da Cruzada São Sebastião era que os favelados e os não favelados pudessem viver de forma integrada no mesmo ambiente urbano, por isso o projeto mais conhecido da instituição foi a construção do Bairro São Sebastião, localizado no rico bairro do Leblon, Zona Sul do Rio de Janeiro. O conjunto de apartamentos recebeu moradores reassentados da Favela da Praia Pinto e em menor número de outras favelas do entorno da Lagoa Rodrigo de Freitas. A Cruzada construiu outro conjunto menor no Morro Azul, situado no bairro do Flamengo.

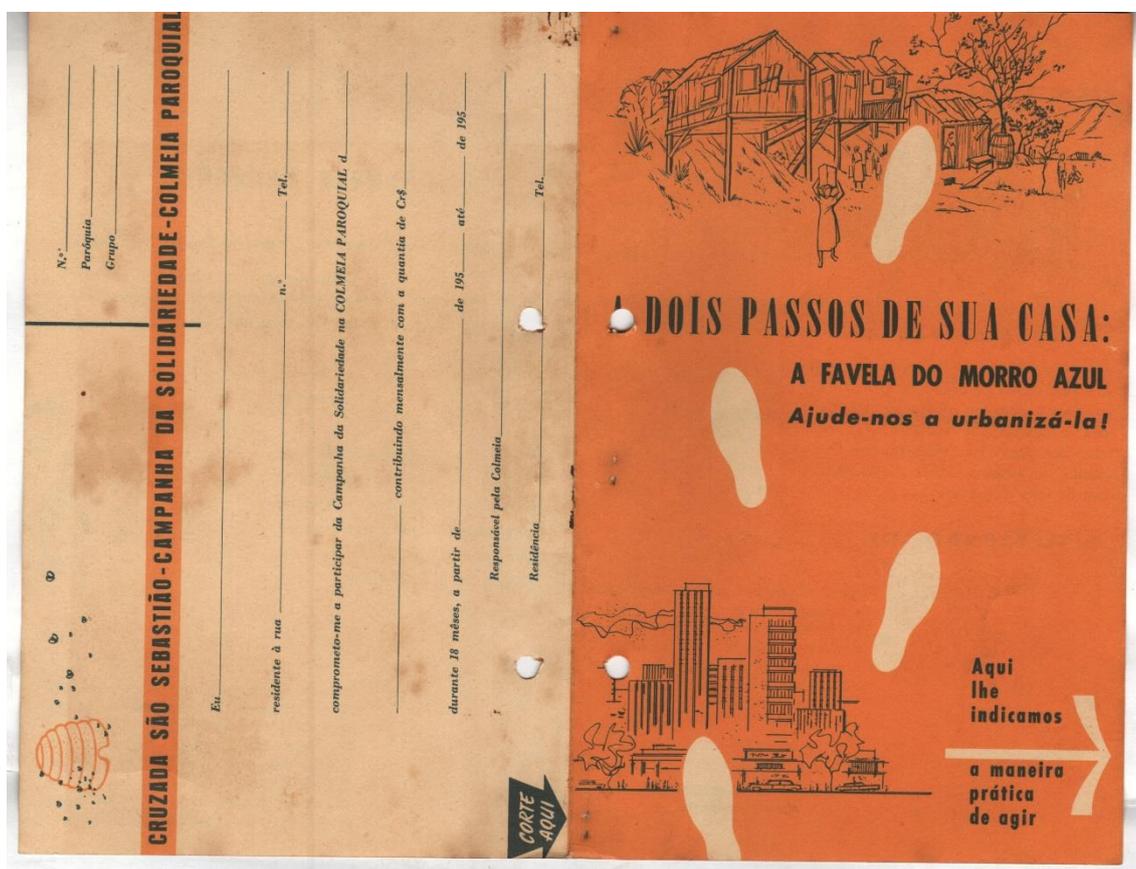


Figura 01. Folheto para angariar fundos para a Urbanização do Morro Azul Fundo Maria Luiza e Edgard Amarante. Arquivo do Núcleo de Memórias da PUC-Rio (caixa 1).

O projeto da Cruzada teve apoio de órgãos governamentais e de setores da sociedade civil, principalmente da elite cristã. A cruzada não só construiria o condomínio, mas também propunha melhores condições estruturais nas favelas cariocas. Ela proporcionou a melhoria de serviços básicos em 12 favelas da cidade,

como construção de escadas, abertura de valas e rede de esgoto, da instalação de bicas d'água, e também executou 51 projetos de redes e instalações elétricas em diversas favelas no município.

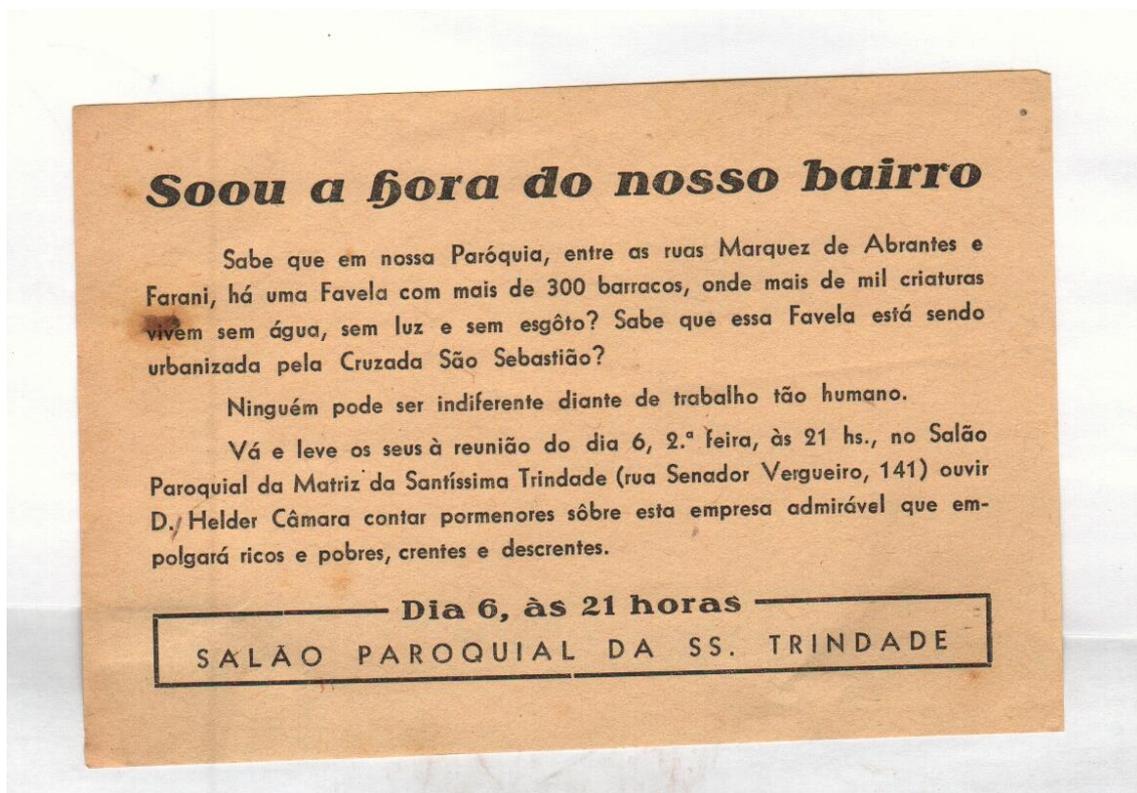


Figura 2. Folheto para explicar aos moradores do Leblon a construção dos prédios do Bairro São Sebastião
 Fonte: Fundo Luiza e Edgard Amarante. Arquivo do Núcleo de Memória da PUC-Rio (Caixa 1).

Apesar de possuir caráter paternalista e assistencialista, as ações da Cruzada possuíam mais inovações de políticas públicas em relação às intervenções da Fundação Leão XIII (Slob, 2002). Usando o Serviço Social como base de intervenção, buscavam a integração social da população pobre e favelada.

Como forma de financiamento desses projetos, a Cruzada contava com subsídios do Estado, de doações e campanhas de arrecadação de verba das Igreja. No entanto, um dos planos de arrecadação de dinheiro para os projetos da organização foi quando, em 1957, Juscelino Kubistchek, então presidente da república, cedeu o direito para aterrar um território de mangue às margens da Avenida Brasil e da Baía de Guanabara. Os terrenos obtidos pelo aterro foram comercializados à comerciantes hortifrutigranjeiros com o intuito de construir um Centro de Abastecimento, que ficou conhecido como Mercado São Sebastião.

providências destinadas a dar solução racional, humana e cristã ao problema das favelas do Rio de Janeiro.

“[...]que a mesma é uma associação civil, sem fins lucrativos, sediada na cidade do Rio de Janeiro e constituída para realização de inúmeros objetivos, são eles:
 “a) - promover, coordenar e executar medidas e providências destinadas a dar solução racional, humana e cristã ao problema das favelas do Rio de Janeiro;
 b) – proporcionar, por todos os meios ao seu alcance, assistência material e espiritual às famílias que residem nas favelas cariocas;
 c) - mobilizar os recursos financeiros necessários para assegurar, em condições satisfatórias de higiene, conforto e segurança, moradia estável para as famílias faveladas;
 d) - colaborar na integração dos ex-favelados na vida normal do bairro e da cidade;
 e) – colaborar com o Poder Público com as entidades privadas em tudo aquilo que interessar à realização dos objetivos acima enunciados;
 f) – colaborar em providências para o retorno ao campo e migrantes de áreas sub-desenvolvidas, atraídos pelas luzes da cidade e aqui transformados em favelados;
 g) – exercitar quaisquer outras atividades conexas e correlatas.” (Estatuto da Cruzada São Sebastião, 1959).

Além do Mercado, outras iniciativas também fizeram parte do legado da Cruzada e de seus apoiadores, como a criação do Banco da Providência, e os já mencionados condomínio do Morro Azul e o condomínio São Sebastião, sendo esse o fruto de maior visibilidade entre a população.

Através da parceria estabelecida entre a Igreja Católica e o Estado, a Cruzada buscava a humanização das relações na sociedade e melhoria na vida econômica dos menos favorecidos. Possuía diálogo com diversas autoridades, instituições privadas e empresários, que por consequência contribuíram para a integração social no processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro. Apesar de apresentar características assistencialistas, a Cruzada, representada na pessoa de Dom Helder, teve uma forte intervenção em várias favelas da cidade.

Durante a década de 1950 e início da década de 1960, a figura de Dom Helder marcou os projetos de grande relevância para a integração social dos mais pobres na cidade do Rio, em especial os favelados. Ele pregava uma renovação da Igreja e, para realização de seus projetos, contava com o auxílio de uma série de profissionais voluntários, como engenheiros, médicos, sanitaristas, assistentes sociais, além de suas parcerias institucionais e governamentais.

O Mercado, como analisaremos no próximo capítulo, foi uma iniciativa da Cruzada São Sebastião, que se destacou como uma iniciativa que enfrentou o problema das favelas cariocas com uma visão diferente do que era comum até então. Se nas décadas anteriores, as abordagens a essa questão tinham como objetivo expulsar os favelados e realocá-los na periferia da cidade, o projeto da Cruzada tratou o problema

das favelas com cuidado e atenção ao indivíduo. Passou-se a pensar no sentido de dar melhores condições de vida aos moradores, reassentando-os no mesmo bairro onde já moravam. Objetivava-se incluir as populações faveladas à cidade e propiciar serviços urbanos básicos, possibilitando condições de habitação e manutenção das relações e redes sociais já estabelecidas.

A iniciativa buscava propiciar melhores condições de moradia e infraestrutura, tendo como horizonte o lema da organização, que era: urbanizar, humanizar e cristianizar através da erradicação do conjunto das favelas do Rio de Janeiro até o quarto centenário da cidade, em 1965. A Cruzada exerceu forte impacto político e urbanístico na cidade, mas começou a perder influência após a transferência do seu fundador, Dom Helder Câmara, para a Diocese de Olinda-Recife, em 1964.

Dom Helder, que uniu a Igreja Católica, o Estado e instituições privadas para a realização do projeto de grande amplitude que foi a Cruzada São Sebastião, atuou nos parâmetros e possibilidades daquela época, representando uma atuação comprometida com a sociedade, capaz de pensar e de atuar sobre a cidade e sobre a questão social de seu momento histórico.

3.

A criação do Mercado São Sebastião

A obra da Cruzada São Sebastião que deu origem a este projeto de pesquisa é um dos mais importantes centros de abastecimento atacadista do Rio de Janeiro, o Mercado São Sebastião. Ele está localizado no bairro da Penha, Zona Norte do município do Rio de Janeiro, em área delimitada pela Avenida Brasil e a Baía de Guanabara, que anteriormente era um mangue, pertencente ao Distrito Federal, comumente chamado de área de Marinha.

Segundo Silva e Rabaça (2011, 59), a área era considerada um “alagadiço imprestável”.

Em julho de 1956, através de decreto presidencial, Kubitschek concedeu à Cruzada o direito de preferência ao aforamento de aproximadamente um milhão e duzentos mil metros quadrados de terrenos alagadiços existentes ao longo da Baía da Guanabara. Para maior valorização financeira dos terrenos, a Cruzada São Sebastião resolveu construir na Avenida Brasil o Centro de Abastecimento São Sebastião, com recursos obtidos através da venda prévia de armazéns, silos e pontos comerciais os empresários de hortifrutigranjeiros. (Silva e Praxedes, 2017, p.59).

Dom Helder convenceu os representantes do ministério da época a doarem o terreno à Cruzada São Sebastião, que ocuparia 850 mil metros quadrados, com a proposta de transferir os atacadistas que operavam no antigo Mercado Municipal que era localizado na Praça XV, no Centro do Rio de Janeiro.

O Mercado Municipal foi inaugurado em 1907, sendo o principal centro de abastecimento hortifrutigranjeiro do Rio de Janeiro. Sua construção fazia parte do plano urbanístico para melhorias na cidade que se articulava com uma política para controle do comércio alimentício. Os alimentos chegavam ao Cais do Porto do Rio e seguia para as ruas do centro da cidade, onde ficava o então mercado municipal e ao seu redor, diversos comércios e negócios ao ar livre, vendiam os alimentos que ali chegavam.

A Rua Acre concentrava o comércio atacadista de cereais e importados e era frequentada pelos varejistas dos mercados públicos, armazéns, mercearias, quitandas e feiras livres – pontos de venda que dominaram o comércio de alimentos na cidade até os anos 1950. A cada negócio fechado na rua, eram lavrados a ordem de pagamento e o pedido de entrega, para que a mercadoria

fosse retirada do trapiche onde era estocada e seguisse para o estabelecimento comprador. A Acre não era o único espaço público movimentado pelo comércio de gêneros alimentícios. Na Praça XV, os hortifrutigranjeiros eram vendidos no Mercado Municipal, assim como nas imediações das ruas do Mercado e São José. A Rua Camerino era repleta de armazéns, assim como a Rua Benedito Hipólito, na antiga Praça Onze, que abastecia a maior parte dos feirantes cariocas (Silva; Bragança , 2011, p. 29).

O antigo mercado vinha passando por dificuldades ocasionadas pelo intenso fluxo de trânsito no movimentado centro da cidade, e assim já não mais comportava o número de associados e a grande quantidade de mercadorias que entravam e saíam diariamente dos galpões. Outro fator que acelerou sua desativação foi estar localizado em um dos eixos do novo sistema viário do Plano de Obras do Centro do Rio.

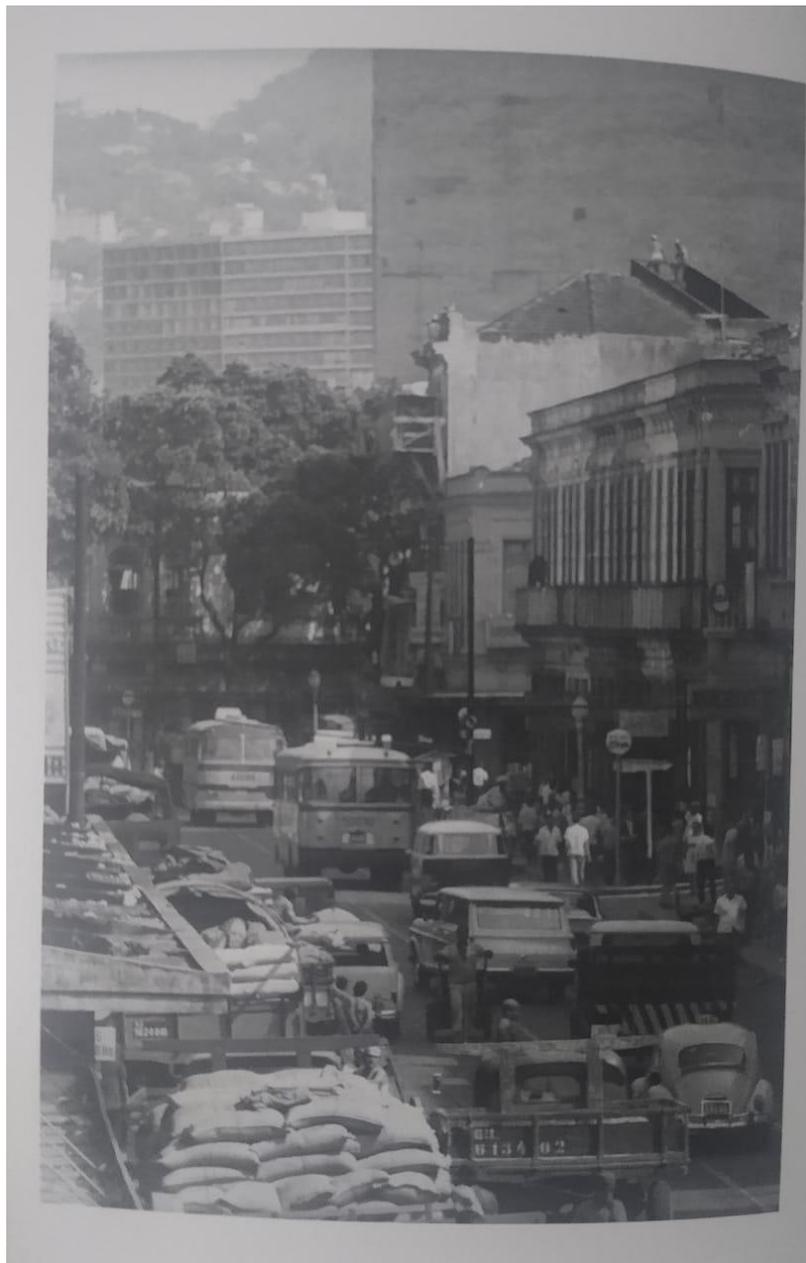


Figura 04. Rua Acre na década de 1960, com trânsito intenso

Fonte: SILVA. RABAÇA, 2011, p. 64.

SP reduz os impostos e melhora sua arrecadação

Em entrevista concedida ao "Correio da Manhã", o secretário de Fazenda do Estado, o General Yedda, anunciou a criação de um instituto de pesquisas do I. Carvalho Pinto, com o fim de estudar a situação econômica do Estado e a possibilidade de melhorias na arrecadação, por meio de uma comissão de estudos, que analisará as condições econômicas e sociais do Estado e apresentará propostas para a melhoria da arrecadação.

Irregularidades e ilegalidades na "A EQUITATIVA"

Em nota de 15 de agosto, o Sr. Yedda, secretário de Fazenda do Estado, anunciou a criação de um instituto de pesquisas do I. Carvalho Pinto, com o fim de estudar a situação econômica do Estado e a possibilidade de melhorias na arrecadação, por meio de uma comissão de estudos, que analisará as condições econômicas e sociais do Estado e apresentará propostas para a melhoria da arrecadação.

Em nota de 15 de agosto, o Sr. Yedda, secretário de Fazenda do Estado, anunciou a criação de um instituto de pesquisas do I. Carvalho Pinto, com o fim de estudar a situação econômica do Estado e a possibilidade de melhorias na arrecadação, por meio de uma comissão de estudos, que analisará as condições econômicas e sociais do Estado e apresentará propostas para a melhoria da arrecadação.

Trainam para trabalhar no Brasil

WASHINGTON, 5. — Um curso de treinamento para trabalhadores brasileiros em empresas americanas está sendo oferecido em Washington, D.C. O curso é patrocinado pelo Departamento de Trabalho dos Estados Unidos e pelo Departamento de Trabalho do Brasil.

WASHINGTON, 5. — Um curso de treinamento para trabalhadores brasileiros em empresas americanas está sendo oferecido em Washington, D.C. O curso é patrocinado pelo Departamento de Trabalho dos Estados Unidos e pelo Departamento de Trabalho do Brasil.

MERCADO MUNICIPAL AVISO

A Associação Comercial dos Mercados Municipais do Rio de Janeiro comunica a população e aos interessados em geral que, colaborando com a SURSAN e o Governo Estadual no Prosseguimento das obras da Avenida Perimetral, a partir de zero hora do próximo dia 9 (terça-feira) o Mercado Municipal da Praça 15 de Novembro será transferido para o CENTRO DE ABASTECIMENTO DO ESTADO DA GUANABARA (CADEG) localizado à Rua Capitão Felix, 16/28, em São Cristóvão, dissendo apenas 9 minutos da Praça Mauá. Nesse novo e majestoso centro de abastecimento - o maior do mundo - continuarão os comerciantes do Mercado Municipal abastecendo o Estado da Guanabara e populações vizinhas - com a mesma eficiência e dedicação demonstrada através de 54 anos de serviços prestados a cidade.

Inauguração do Centro de Abastecimento S. Sebastião

Foi inaugurado ontem o Centro de Abastecimento S. Sebastião, situado na Av. Brasil, Estarão presentes o governador e o secretário de Agricultura do Estado, Sr. Daniel Nogueira, Sr. Helder Câmara, presidente da Câmara Municipal de São Sebastião, e grande número de pessoas. Inauguração feita por Sr. Nogueira, com a presença de Sr. Câmara e Sr. Helder Câmara.

O Centro de Abastecimento S. Sebastião apresenta a seguinte característica: 5.000 m² de área coberta, com 100 lojas e 200 unidades. O terreno pertence ao Estado e foi adquirido em 1954. O valor da obra foi de 2.400 m² de extensão, com 100 lojas e 200 unidades. O valor da obra foi de 2.400 m² de extensão, com 100 lojas e 200 unidades.

Características

O Centro de Abastecimento S. Sebastião apresenta a seguinte característica: 5.000 m² de área coberta, com 100 lojas e 200 unidades. O terreno pertence ao Estado e foi adquirido em 1954. O valor da obra foi de 2.400 m² de extensão, com 100 lojas e 200 unidades.

Características

O Centro de Abastecimento S. Sebastião apresenta a seguinte característica: 5.000 m² de área coberta, com 100 lojas e 200 unidades. O terreno pertence ao Estado e foi adquirido em 1954. O valor da obra foi de 2.400 m² de extensão, com 100 lojas e 200 unidades.

Características

O Centro de Abastecimento S. Sebastião apresenta a seguinte característica: 5.000 m² de área coberta, com 100 lojas e 200 unidades. O terreno pertence ao Estado e foi adquirido em 1954. O valor da obra foi de 2.400 m² de extensão, com 100 lojas e 200 unidades.

Características

O Centro de Abastecimento S. Sebastião apresenta a seguinte característica: 5.000 m² de área coberta, com 100 lojas e 200 unidades. O terreno pertence ao Estado e foi adquirido em 1954. O valor da obra foi de 2.400 m² de extensão, com 100 lojas e 200 unidades.

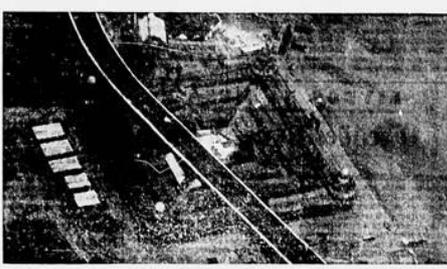
Características

O Centro de Abastecimento S. Sebastião apresenta a seguinte característica: 5.000 m² de área coberta, com 100 lojas e 200 unidades. O terreno pertence ao Estado e foi adquirido em 1954. O valor da obra foi de 2.400 m² de extensão, com 100 lojas e 200 unidades.

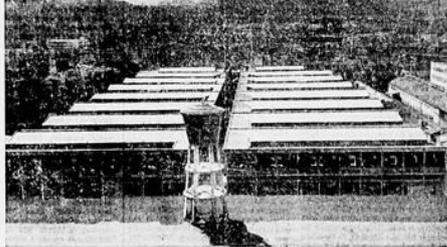


NOVO MERCADO NO RIO: Melhor distribuição de produtos.

MERCADO MUNICIPAL VAI MUDAR



para o Centro de Abastecimento do Estado da Guanabara, em SÃO CRISTOVÃO



- O MAIOR MERCADO DO MUNDO !

Os comerciantes do antigo mercado Municipal do Rio de Janeiro e a Cooperativa Banco de Crédito Federal Ltda. têm a satisfação de comunicar ao povo do Estado da Guanabara que, colaborando com o governo estadual a fim de facilitar a conclusão das obras da Avenida Perimetral com a demolição do velho mercado da Praça 15 - a partir do próximo dia 9 de Janeiro, já estarão instalados no majestoso Centro de Abastecimento do Estado da Guanabara, localizado à Rua Capitão Felix, em São Cristóvão. Mantendo assim sua tradição de bem servir ao comércio, à lavoura e ao povo carioca, os comerciantes do velho mercado datam a Cidade Maravilhosa com o maior mercado do mundo. Ocupando uma área construída de 100 mil metros quadrados, o novo mercado tem uma estrutura de concreto maior que a do Estádio do Maracanã e é dotado de instalações ultra-modernas e higiênicas. Este majestoso Centro de Abastecimento está capacitado para abastecer, idôneo, todo o Estado da Guanabara durante os próximos 50 anos. Esta é uma valiosa contribuição dos comerciantes do antigo mercado Municipal para o progresso do Rio de Janeiro e para o bem estar de toda a população carioca.

CADEG - CENTRO DE ABASTECIMENTO DO ESTADO DA GUANABARA : RUA CAPITÃO FELIX, 16/28 - SÃO CRISTOVÃO RIO DE JANEIRO

PUC-Rio - Certificação Digital N° 2012028/CA

Materia do Correio da Manhã em 1962

Figura 05. Relato sobre a mudança do mercado municipal e a inauguração do Mercado São Sebastião

teve sua demolição determinada para ceder lugar à construção do Viaduto da Perimetral. O antigo mercado municipal, enquanto patrimônio da cidade, foi destruído, sobrando somente uma de suas torres.

Inicialmente, conforme descrevem Gonçalves e Ferreira (2019), a Cruzada procurou os comerciantes do mercado para que se instalassem no mercado São Sebastião. No entanto, não houve acordo. Na 6^o reunião do conselho deliberativo [da Cruzada São Sebastião], de 10 de julho de 1957, foi aventada a resistência pela associação comercial dos mercados municipais em se localizar em área da Avenida Brasil.

Diante dessa resistência, a comercialização dos lotes do Mercado São Sebastião se voltou “para o aliciamento dos comerciantes estabelecidos na Rua do Acre, Benedito Hipólito e rua do Mercados, que operam no ramo de cereais, visando ao mesmo tempo atrair as grandes cooperativas de produção para sua localização nos terrenos da Cruzada.” O conflito com os comerciantes perdurou e foi mesmo cogitado, pelos comerciantes, a construção de um novo mercado municipal às margens da Av. Brasil, onde funcionava o aeroclube de Manguinhos. Com a desativação do Mercado Municipal, a associação dos comerciantes do antigo mercado municipal acabou construindo a Central de Abastecimento da Guanabara (CADEG), que foi inaugurada no mesmo ano do Mercado São Sebastião, em 1962. (Gonçalves; ; Ferreira , 2019, p. 218).

A localização do mercado proposto por Dom Helder, próximo à Avenida Brasil,⁶ principal via de conexão da capital com sua região metropolitana da cidade, atendia às expectativas de investimento e de desenvolvimento econômico da área, definida como Zona Industrial pelo Código de Obras de 1937. Como grande parte dos alimentos oferecidos pelo mercado seria transportada por rodovias, por isso também se deu a construção do Mercado na Avenida Brasil, lugar de fácil acesso e grande circulação de caminhões, que já eram o principal veículo de transporte das mercadorias, em detrimento do trem e do transporte aquaviário, que foi muito ativo na Baía de Guanabara e arredores.

Em maio de 1957, Dom Helder, com apoio do presidente Juscelino Kubitschek, pediu a Francisco Negrão de Lima, prefeito do então Distrito Federal, recursos para o aterro do mangue cedido à Cruzada. Praxedes (2017) afirma que “em 1957 o departamento financeiro da Cruzada elaborou um “plano de autofinanciamento”

6 A Avenida Brasil, inaugurada em 1946, surge da necessidade de expansão da cidade para zonas mais afastadas da zona central, servindo como elo entre os eixos da cidade. Possui 58,5 quilômetros de extensão e corta 26 bairros da cidade e tem o status de mais importante via expressa da cidade do Rio de Janeiro. De acordo com a Prefeitura do Rio de Janeiro é a principal via expressa da cidade do Rio de Janeiro e a responsável pelo maior fluxo viário da cidade com mais de 800 mil veículos por dia.

para custear as obras de moradia, procurando resolver o problema da falta de recursos. Assim, Dom Helder pediu à Juscelino a liberação de adiantamentos do tesouro Nacional e vários empréstimos no Banco do Brasil. Deu como justificativa que a criação do Mercado nesse novo polo industrial, além de propiciar recursos para a Cruzada, resultado da venda de lotes e lojas, traria recursos financeiros para a Prefeitura do então Distrito Federal através da taxaço das atividades que ali seriam realizadas.

Em matéria da Revista da Associação Comercial do Rio de Janeiro, página 4. (13/11/1958), Dom Helder relata ao então Presidente Juscelino Kubitschek sobre como o Centro de Abastecimento serviria para o autofinanciamento dos projetos da Cruzada: “a integração, principalmente através de moradias, é uma necessidade. O que se faz nesta área é um autofinanciamento, é a iniciativa particular colaborando para a solução de um problema humano”

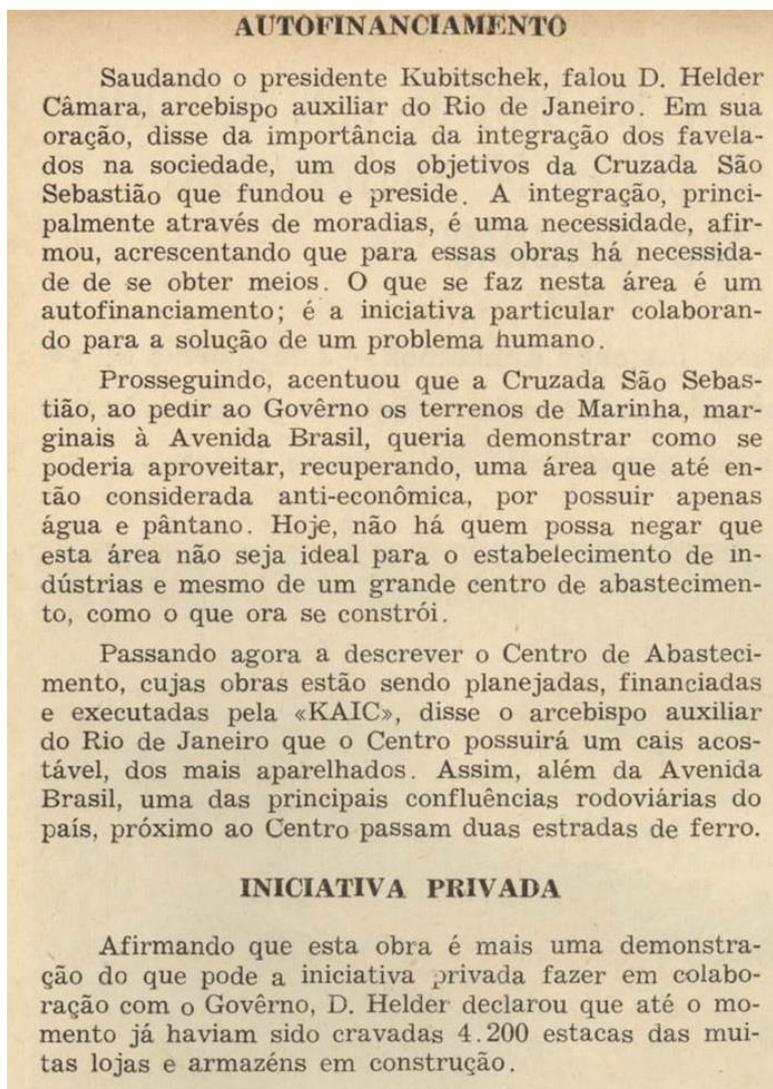


Figura 07 – Explicação sobre mercado como projeto de autofinanciamento para Cruzada.

Revista da Associação dos Comercial, de 13 de novembro de 1958

No documento a seguir, em que solicita ao então prefeito do Distrito Federal, Negrão de Lima, o aterro do terreno cedido à Cruzada, Dom Helder explicita os motivos da solicitação, sendo o saneamento da área com a criação de uma zona industrial e portuária, que promoveria, evidentemente, um poderoso fator de enriquecimento para o Distrito Federal e determinaria uma ponderável parcela de acréscimo aos recursos financeiros da Prefeitura.

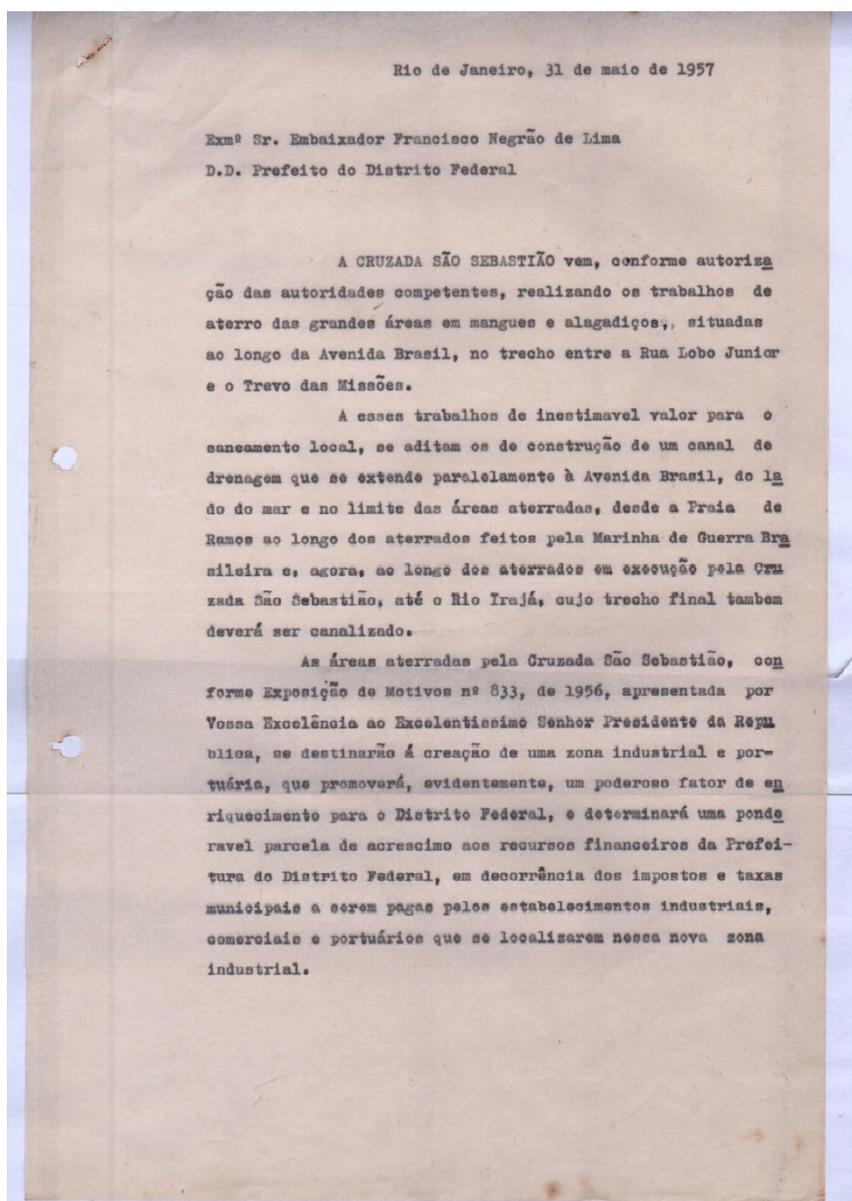


Figura 08 – Documento enviado por Dom Helder ao Prefeito da cidade sobre o andamento da obra.

Disponível no Acervo Maria Luiza e Edgar Amarante, Núcleo de Memória da PUC-Rio - Foto P017B_002_014.

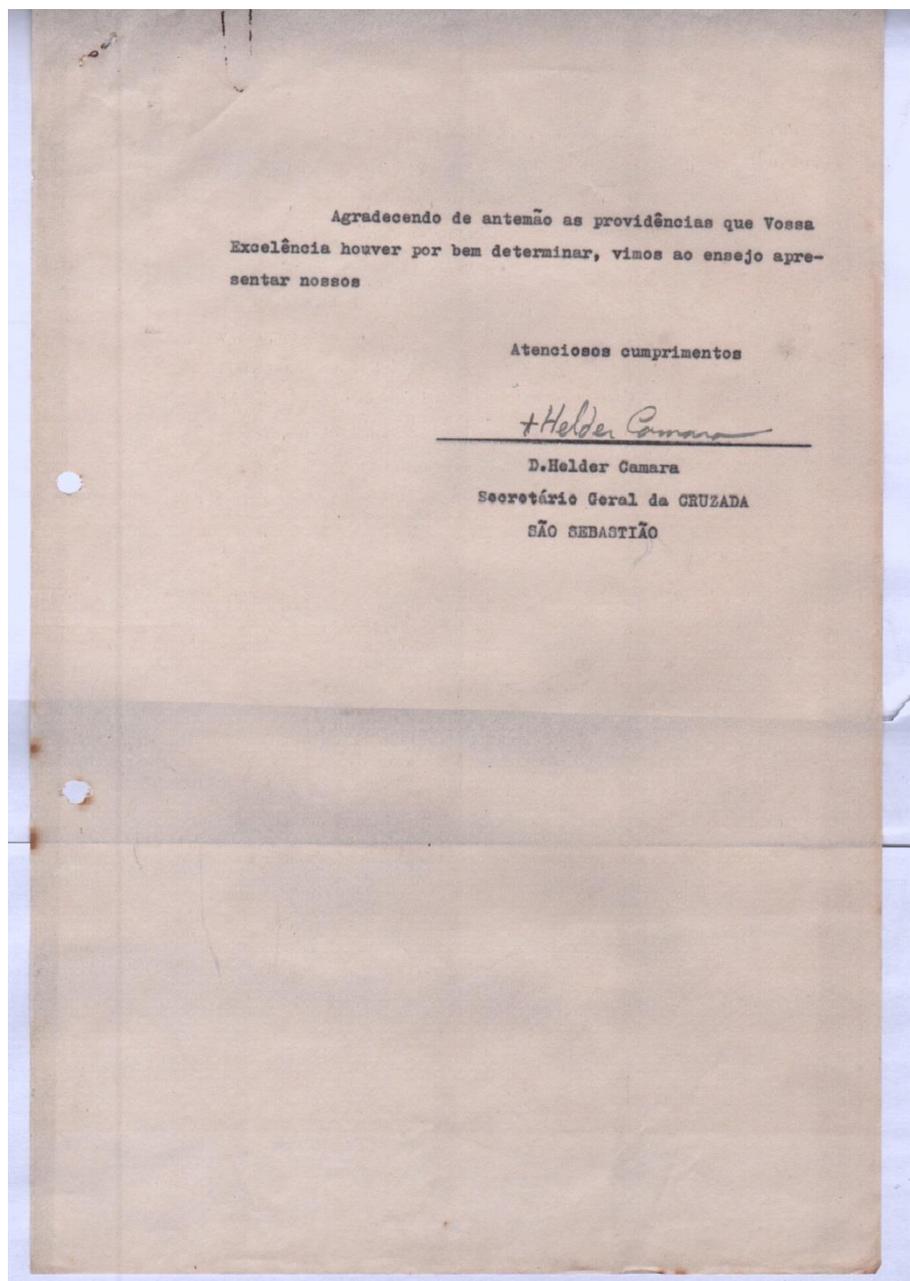


Figura 09 – Documento enviado por Dom Helder ao Prefeito da cidade sobre o andamento da obra.
Disponível no Acervo Maria Luiza e Edgar Amarante, Núcleo de Memória da PUC-Rio - Foto P017B_002_014.

“Músicas e fogos marcaram a abertura do novo mercado”, segunda a manchete do Diário de Notícias, de seis de janeiro de 1962, a respeito da inauguração do Centro de Abastecimento. Entre as 2 mil pessoas que compareceram à inauguração, esteve presente a figura de Dom Helder, idealizador e realizador da obra, o Presidente da Associação Comercial do Centro de Abastecimento, o Sr. Henrique Francisco Nogueira, representantes de cidades que tinham interesse em fazer negócios com os comerciantes, como o prefeito da cidade de Pindamonhangaba, o Sr. Manuel Cesar Ribeiro. O governo do Estado foi representado pelo secretário de agricultura, o general Danilo Nunes, que cortou a fita simbólica de abertura do empreendimento.

PUC-Rio - Certificação Digital N° 2012028/CA



Diário de Notícias, 06 de janeiro de 1962
 Figura 10. Trecho de matéria que relata a festa de inauguração do mercado.



Figura 11. Pessoas que acompanhavam a inauguração do Mercado São Sebastião

Fonte: SILVA, RABAÇA, 2011, p. 61



Figura 12. Pessoas que acompanhavam a inauguração do Mercado São Sebastião

Fonte: SILVA, RABAÇA, 2011, p. 66

O então governador Carlos Lacerda, convencido por Dom Helder, prometeu propor a Assembleia Legislativa a criação, ali, da terceira zona industrial do Estado, uma vez que sua localização seria propícia para tal feito diante da facilidade de transporte rodoviário e marítimo. Os planos iam além da zona industrial. Em entrevista ao jornal A Notícia (1962)⁹, o idealizador do mercado acreditava que no futuro o centro de abastecimento seria uma “autêntica cidade”. As promessas de construção e planejamento abrigavam bancos, escritórios das mais diversas profissões, restaurantes, comércios e habitação.

Dom Helder afirmou em reportagem ao Jornal do Brasil, em 11 de janeiro de 1962¹⁰, que o Centro de Abastecimento São Sebastião é um prodígio da iniciativa privada e receberia praticamente todos os cerealistas da Rua Acre e todas as grandes cooperativas de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande Sul e Rio de Janeiro. Com apoio do Estado e congregados pela Cruzada São Sebastião, foram inaugurados:

- 2 pavilhões hortigranjeiros, com 8.100m² de área coberta, cada um, e 168 lojas e boxes, num total de 16.200m² e 336 unidades;
 - 72 armazéns para cerealista, com 318m² de área coberta, cada um, e escritório no segundo pavimento com 63m², totalizando 27.475m² de área total;
 - 13 prédios de dois pavimentos com lojas destinadas a bancos, comércio em geral, restaurantes e escritórios para profissionais liberais, corretores, representantes comerciais, com 550m² de área coberta, cada um, num total 7.150m² e 117 unidades.
 - uma subadutora com 2.400 metros de extensão, que alimenta a rede de distribuição de água já parcialmente construída, com mais de 3.330 metros, e abastece uma área de cerca de 300.000m²;
 - uma linha de força de 25 mil volts com 2.300 metros de extensão, até a subestação transformadora da Ligth;
 - Pavimentação de 2.300m de ruas;
 - Seis telefones, a companhia telefônica já concluiu os estudos para a instalação de um PBX com 150 ramais;
- Em execução ainda estão:
- 2 pavilhões hortigranjeiros, 36 armazéns e 13 prédios de dois pavimentos.

Na mesma reportagem, Dom Helder menciona que foi prevista uma área de 42.000m² para a construção de blocos residenciais de oito pavimentos, bem como a previsão de construção de postos de abastecimento de gasolina. Para realização e execução dos projetos, aguardavam inicialmente a aprovação e constituição da Bolsa de Gêneros Alimentícios do Rio de Janeiro no local.

Afirmou, ainda, que o Mercado era projeto meio e não fim da Cruzada. Com os recursos obtidos através do mercado deu continuidade ao plano de autofinanciamento das ações da Cruzada e adquiriu terrenos em Vigário Geral para urbanização das

⁹ Reportagem obtida junto ao Acervo Luiza e Edgar Amarante do Núcleo de Memória da PUC-Rio.

¹⁰ Reportagem obtida junto ao Acervo Luiza e Edgar Amarante do Núcleo de Memória da PUC-Rio.

Favelas da Leopoldina. Diferente dos edifícios construídos no Leblon, em Vigário Geral as famílias receberiam casas individuais com possibilidade de aumento, uma vez que os terrenos eram mais extensos, logo não precisavam ser construídos prédios e pequenos apartamentos.

A cruzada, nesse tempo, se dedicava ao Conjunto São Sebastião e ao Centro Social da Parada de Lucas, em um trabalho de formação social, humana e cristã. Dom Helder reforçou o compromisso do Estado em resolver os problemas de base das grandes cidades e superar a situação do povo favelado e da habitação popular e ressaltou que “nesta batalha há lugar para todas as instituições de boa-vontade, entre as quais seria injusto esquecer o nome pioneiro da Fundação Leão XIII”.

Segundo Lobo (2014), o Mercado São Sebastião foi uma área importante no cenário econômico regional e mesmo nacional por concentrar armazéns e distribuidoras de produtos alimentícios e a Bolsa de Gêneros Alimentícios (BGA), sua principal edificação, o que configurou, deste modo, o local como principal centro abastecedor da cidade e um dos maiores da América Latina. Nesse sentido, reveste-se de uma função de capital importância para a cidade do Rio de Janeiro.

A Bolsa de Gêneros Alimentícios, foi instalado no Mercado São Sebastião em 1975, 13 anos depois de sua fundação. Antes sua sede era na Rua Acre, na zona central da cidade.¹¹ O Rio de Janeiro entre as décadas de 50 e 60 era fortemente marcado pelo seu caráter mercantil, marcado pela circulação de bens o que era bastante atrativo para o empresariado, com a economia predominantemente agrária, passava pelos armazéns da cidade o abastecimento, consumido em grande parte do país.

À medida que os terrenos do mercado fossem sendo vendidos, a Cruzada teria lucro para o financiamento de seus projetos. O objetivo seria, segundo Antônio Silva e Silvio Rabaça, autores que situam a atuação de D. Helder não apenas como expressão de sua consciência social, mas também da consciência política no que diz respeito às limitações do estado brasileiro:

[...] instalar no Centro de Abastecimento setores comerciais de hortigranjeiros e cereais, um setor industrial e um residencial. As atividades com gêneros alimentícios teriam a função de atrair compradores para os terrenos adjacentes. Por conta de dificuldades financeiras, contudo, o setor residencial acabaria não indo adiante no projeto (Silva e Rabaça apud Lobo, 2014).

11 A BGA tinha por finalidade estabelecer as normas e políticas de abastecimento tanto do Rio de Janeiro, quanto do Brasil. Constitui-se como uma associação civil sem fins lucrativos com o objetivo de regular negócios, condições e padronização de produtos que seriam negociados. Ela ainda funciona no mercado São Sebastião e representa seus associados perante o poder público, e está preconizada como instituição de utilidade pública perante as três esferas de governo. Foi oficializada no âmbito federal pelo Decreto nº 14.271, de 7 de janeiro de 1959; no âmbito municipal se deu através da lei 3.642 de 12 de setembro de 2003; e o âmbito estadual foi previsto pela lei 4.349 de 9 de junho de 2004.

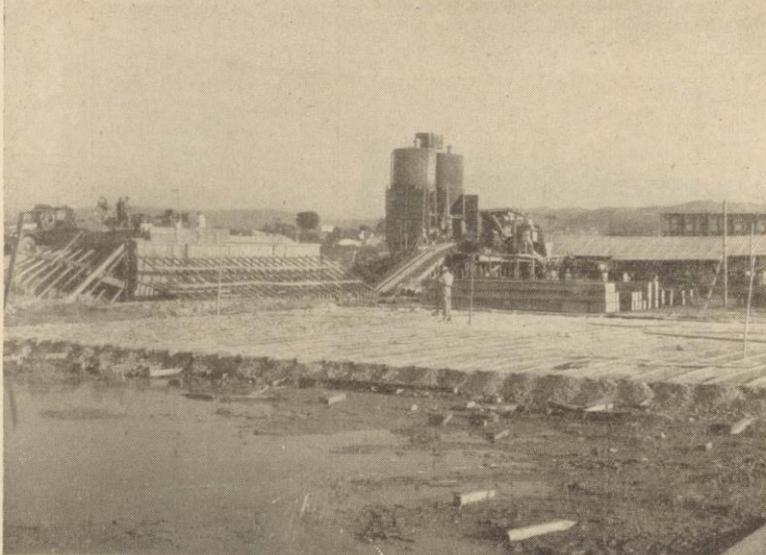
A capacidade de articulação de Dom Helder o fazia perpassar por diversos grupos sociais, e dava-lhe credibilidade para desenvolver projetos de interesse do poder público. Dessa forma, a construção do Mercado, em sua visão, vinha suprir três setores da vida urbana: i) o comércio e ii) a indústria, na perspectiva de fornecer matéria prima para essa atividade e iii) movimentar o setor de serviços e potencializar a economia local, obtendo recursos para responder ao problema habitacional que assolava a cidade.

Antes de sua inauguração, como consta em reportagem do Correio da Manhã, de 08 de abril de 1960¹², Dom Helder entregou diplomas de beneméritos a diversas representantes da Associação Comercial do Centro de Abastecimento São Sebastião, valorizando os negociantes e industriais que iriam exercer atividade no novo centro de alimentos da Cruzada São Sebastião. E afirmou na mesma reportagem: “seremos maiores do que nunca, como cidade, como Estado, seja lá de que maneira for. Usaremos a cabeça”.

Além de evidenciar que o novo centro de abastecimento traria benefícios não só para os comerciantes, para a Prefeitura e para a Cruzada, o documento a seguir mostra que o empreendimento beneficiaria a população carioca, principalmente quem residia em torno da área de construção do mercado

“A população do Rio de Janeiro será altamente beneficiada com o importante cometimento. O grande empório atenderá aos moradores de todos os bairros e subúrbio da metrópole” (Associação Comercial do Rio de Janeiro, 1958).

¹² Reportagem obtida junto ao Acervo Luiza e Edgar Amarante, doado ao Núcleo de Memória da PUC-Rio.



**ACELERADA A
CONSTRUÇÃO DO
CENTRO DE
ABASTECIMENTO
SÃO SEBASTIÃO**

Dentro de ano e meio, aproximadamente, estará em pleno funcionamento o Centro de Abastecimento São Sebastião, localizado na Avenida Brasil.

A população do Rio de Janeiro será altamente beneficiada com o importante cometimento.

O grande empório atenderá aos moradores de todos os bairros e subúrbios da metrópole.

Concentrar-se-ão, no Centro de Abastecimento São Sebastião, os comerciantes do Mercado Municipal da Praça 15 de Novembro, cuja demolição foi determinada para ceder lugar à Avenida Perimetral.

As obras de construção do Centro estão adiantadíssimas; realizando-se em marcha acelerada, pois é desejo do comércio que nele se concentrará, assegurar à população um abastecimento rápido e cem por cento eficiente dentro do menor período de tempo possível.

Nas fotos desta página, vemos um detalhe da edificação e diretores da Associação dos Comerciantes do Centro de Abastecimento São Sebastião — prestigiosa entidade de classe — visitando as obras em vertiginoso andamento na Avenida Brasil.



30 de setembro — 1958 41

Figura 13. Matéria sobre a construção do Mercado
Revista da Associação Comercial do Rio de Janeiro, página 41. (30/09/1958)

Na documentação a seguir fica evidente as intenções da obra, inclusive na construção de moradias no local, o que jamais foi formalmente construído.

O Centro de Abastecimento em construção pela Cruzada São Sebastião, em terrenos conquistados ao mar, substituirá, até fins de 1960, grande números de lojas do Mercado Municipal e da Rua do Acre. Ocupando uma área de 500 mil metros quadrados, a futura cidade do abastecimento do Rio ficará dividida em quatro setores: residencial, cerealista, horti-granjeiro e indústrias alimentícias



Figura 14. Matéria sobre a construção do Mercado, incluindo setor residencial
Revista da Associação Comercial do Rio de Janeiro, página 3. (30/09/1958)

Em julho de 1967, o então governador Negrão de Lima acompanhou de perto a evolução do mercado, em uma de suas visitas ao local, debateu com a Associação Comercial e Industrial do local os problemas e melhorias das condições de trabalho que precisam ser feitas no centro de abastecimento.

Não quero, contudo, fazer promessas mirabolantes que não possa cumprir. Sugiro, pois, que se faça um orçamento adotando-se um critério estadual, através de escalonamento das necessidades pelo caráter prioritário. A urbanização da área é medida se que impõe, mas a sua execução total é obra

gigantesca, que irá requerer o emprego de uma força extraordinária. Por isso o melhor meio de se chegar ao objetivo final é o sistema de etapas. Depois do orçamento feito, vamos estudar o meio de realiza-lo. Fiquem certos de que o problema é de meu interesse, e eu considero de grande importância para a própria Guanabara.13

Negrão visita mercado e diz que auxiliará

O governador Negrão de Lima visitou ontem, pela manhã, o Mercado São Sebastião, na Avenida Brasil, o maior centro de abastecimento do Estado, com um milhão de metros quadrados, para tomar contato direto com industriais e comerciantes liderados pelo sr. Francisco Gonzalez, presidente da Associação Comercial e Industrial daquele centro (ACICASBI), com os quais debateu vários problemas concernentes à melhoria das condições de trabalho ali.

O governador da Guanabara recordou que assistiu ao nascimento do Mercado São Sebastião, na qualidade de prefeito do então Distrito Federal, quando esboçou para o estilo daquela iniciativa. Ao admitir que aquele mercado necessita passar por várias transformações para melhor adaptar-se às necessidades da população, ponderou:

"Não quero, contudo, fazer promessas mirabolantes que não possa cumprir. Suficiente, para se faça um orçamento adotando-se um critério gradual, através de escalonamento das necessidades pelo caráter prioritário. A urbanização da área é medida que se impõe, mas a sua execução total é obra gigantesca, que irá requerer o emprego de uma força extraordinária. Por isso, o melhor meio de se chegar ao objetivo final é o sistema de etapas. Depois do orçamento feito, vamos estudar um meio de realiza-lo."

Concluindo, declarou: "Fiquem certos de que o problema é de meu interesse e eu o considero de grande importância para a própria Guanabara."

SECRETÁRIO EXPÕE HOJE PROBLEMAS DE HABITAÇÃO E COHAB

Presidido pelo governador Negrão de Lima, o Conselho de Desenvolvimento do Estado da Guanabara, prosseguiu, ontem, as reuniões para elaborar o orçamento de 1968 e o plano trienal do governo.

A primeira parte da reunião durou cerca de duas horas, com o secretário Hildebrando Monteiro, da Saúde, expondo as realizações de sua pasta e o planejamento para a saúde da Guanabara no próximo ano.

SALDOS

Além de apresentar saldos favoráveis para a administração do Estado, a exposição do dr. Hildebrando Monteiro abrangeu o histórico da saúde do Estado e a atual situação.

O secretário Raimundo de Paula Soares, de Obras, também fez ampla exposição de sua secretaria, tendo em seguida o superintendente da SUTRSAN, engenheiro Gerardo Leite Carvalho, exposto o trabalho desenvolvido pela autarquia e o planejamento de obras feitas para a Guanabara, correspondente ao presente exercício e ao triênio 68-70.

Hoje, à tarde, o secretário Victor Pinheiro, de Serviços Sociais, fará exposição abordando os trabalhos referentes ao problema de habitação do Estado da Guanabara ligados à COHAB.

Semana sobre Hemorragia está no MEC

A 1ª Semana de Prevenção das Doenças Hemorrágicas, que durante 14 dias funcionou no saguão do Hospital dos Servidores do Estado, na Gamboa, foi ontem transferida e inaugurada no posto de venda de material escolar do Ministério da Educação, na Rua Elpídio Bon Morte, na Praça da Bandeira. Do posto do MEC, a Semana, que é promovida e realizada pelo Setor de Odontologia Sanitária do HSE, será instalada, dia 15, no Hospital Salgado Filho, no Méier.

CADA ELEVADOR TEM DE PAGAR NCr\$ 700 PARA OS 60 CICLOS

Um custo variável em torno de NCr\$ 700 é no que implicará, para cada elevador, a conversão de frequência de 50 para 60 ciclos, segundo informou, ontem, o engenheiro José de Moura Moutella, assistente de direção do COFRE, órgão responsável pela mudança de ciclagem na Guanabara.

A adaptação dos elevadores à nova frequência, entretanto, somente poderá ser feita pelas firmas previamente autorizadas pelo COFRE, conforme determina o governador Negrão de Lima, que tem por objetivo "evitar que pessoal pouco habilitado se ofereça para realizar a tarefa, que é simples, mas requer conhecimento técnico".

Desmentindo notícia referente a cortes de energia para os usuários que não fizerem a adaptação dos aparelhos, o engenheiro Moura Moutella declarou que nenhuma penalidade está prevista sendo o único inconveniente, no caso, "o mau funcionamento do equipamento."

A adaptação das bombas de águas,

CAMPANHA DA CRIANÇA
 Colabore, você também, no programa de amparo ao menor abandonado

Figura 15 – Declaração de Francisco Negrão de Lima
 Jornal Diário de Notícias, julho de 1967



Figura 16 – Reportagem sobre início das obras de pavimentação das ruas do Mercado São Sebastião

Diário de Notícias, julho de 1967.

Dentro desse sistema, a industrialização e urbanização são ferramentas que atraem uma grande quantidade de migrantes para a cidade. A cidade do Rio de Janeiro, por sua vez, é marcada pela “ausência” – proposital ou não – de intervenções do Estado. As formas da sociedade se organizarem, e como ocorrem a urbanização, são formas de

divisão social e territorial já que, segundo Lojkine (1997), “a urbanização é um elemento chave das relações de produção”. Logo, a cidade capitalista reúne as condições gerais para a produção e os meios de reprodução do capital e do trabalho, de modo que ficam explícitas as contradições das relações construídas a partir da apropriação privada dos bens socialmente produzidos.

Além de evidenciar os aspectos da cidade funcionalista / modernista, que retira os centros de abastecimento de zonas centrais de forma que as áreas remanescentes nesses locais sirvam para o processo de acumulação do capital imobiliário: transferências de atividades de serviços, liberação do Centro e, no caso do Rio de Janeiro, a sua Zona Sul, bem como a permanência de zonas segregadas em áreas periféricas. Buscando desenvolver o referencial teórico e as categorias de análise e propondo um diálogo com o objeto de estudo, trago construções que darão suporte interpretativo e de orientação ao desenvolvimento da pesquisa e do estudo, que busca compreender a formação e a perda de importância do Mercado São Sebastião.

Apesar de o Mercado ter sido idealizado e construído com a perspectiva e preocupação em encarar o problema do abastecimento na cidade do Rio de Janeiro, o que ficou de resultado no século XXI foi fracasso e abandono, o que se contrapõe ao proposto inicialmente pela Cruzada São Sebastião.

Em toda sua grandeza e importância para a cidade do Rio de Janeiro, o Mercado São Sebastião foi uma iniciativa que fortaleceu o abastecimento da cidade, gerou empregos, movimentou a economia nos seus anos iniciais, e, mais uma vez, fortaleceu a figura de Dom Helder Câmara e seu legado, na perspectiva de que possamos visualizar o Mercado São Sebastião como uma obra de empreendimento dentro do processo de integração da cidade do Rio de Janeiro.

4.

Desenvolvimento do mercado enquanto território

Como contextualização teórica e analítica do desenvolvimento da dissertação, considero importante para o entendimento do cenário social que ocorria não só na cidade do Rio de Janeiro, mas também no país. Contextualizar brevemente as décadas de 1950 e 1960, abordando os mecanismos de desenvolvimento econômico, a articulação fundiária e o modo de produção vigente, para fomentar o contexto social, econômico e político da época.

Para referenciar o debate sobre o conceito de território, usaremos a reflexão de David Harvey (2005) a fim de refletir o papel do desenvolvimento capitalista, da função do Estado e das classes sociais na estruturação do espaço urbano das cidades. Trata-se, aqui, de articular através de sua teoria concepções marxistas do Estado, das classes sociais com as formas de reprodução dessas classes em consonância com o desenvolvimento urbano dentro do modo de acumulação do capital.

Com base nos estudos da obra de Marx (1967), Harvey (2005) afirma que a nova divisão social do trabalho propicia também uma divisão geográfica, tendo em vista a complementariedade do sistema de produção. Os avanços do sistema de produção capitalista vieram contribuir para a formulação de novos espaços de reprodução da vida social.

Através da lógica de acumulação dos primeiros estágios do capitalismo, esse se utilizou do que Harvey (2005, p.58) chamou de “metabolismo de circulação”, onde a acumulação é o primeiro passo para o desenvolvimento capitalista nas cidades, ocorrida pela mobilidade dos trabalhadores, que, por sua vez, passariam a acumular valores de uso através do capital dos comerciantes e, conseqüentemente, através das necessidades sociais. Assim, por meio da expansão dos trabalhadores e dos meios de produção, há a expansão geográfica e simultaneamente “o processo de acumulação origina a tendência da penetração das relações sociais, em todo o mundo” (Harvey, 2005 p.63).

A teoria marxista, interpretada por Harvey, sugere uma crítica a formação do Estado através da democracia burguesa, acreditando que essa formação se deu através da estruturação de relações sociais das diversas instituições, e as relações entre as classes sociais e seus lugares de ocupação dentro do espaço e como as resistências se diferenciam muito pouco quanto à exploração das forças de trabalho. Assim, ele afirma que o estado nasce através da necessidade de manter os antagonismos de classe, sob o seu total controle.

O estado se origina da contradição entre os interesses particulares e os da comunidade. No entanto, como o Estado tem de assumir uma existência independente para assumir os interesses comuns, pode dominar os indivíduos, esses quais criam na forma de Estado meio para sua própria dominação (Harvey, 2005, p. 80).

Harvey (2014) levanta o ponto que esse processo de neoliberalização incide diretamente sobre a destruição de antigos poderes e estruturas institucionais, abalando até mesmo a soberania do Estado, como também as divisões de trabalho, as relações sociais, a promoção do bem-estar social, as combinações de tecnologia, dos modos de vida, de pensamento, ou seja, incide sobre as atividades reprodutivas sociais, econômicas e culturais, e que isso tudo ocorre quando se coloca o mercado como o guia supremo de toda ação humana e única forma para solucionar qualquer problema dentro da sociedade.

Nesse sentido, Lojkin (1997, p.159) compreende que a cidade capitalista não pode ser compreendida fora das leis de acumulação capitalista. O contexto urbano apresenta uma complexidade onde há uma segregação espacial entre os grandes centros urbanos e as zonas periféricas, o que caracteriza um local de luta de classes, pois expressa a contradição entre a necessidade do trabalho vivo e a lógica de acumulação capitalista.

O desenvolvimento do espaço é aqui compreendido em seu surgimento através da produção do excedente, que vai além das necessidades de subsistência de uma população. A urbanização, portanto, sempre foi um fenômeno de classe, uma vez que o controle sobre o uso desse excedente ficou sob domínio e uso nas mãos dos poucos ricos.

O desenvolvimento do espaço urbano foi elaborado como riqueza produzida socialmente através das relações sociais, e essa análise do urbano através dos moldes de produção do capitalismo pode incidir diretamente sobre as forças sociais no processo de democratização e de urbanização como uma riqueza social que vive em contraposição ao processo de sua mercantilização.

Harvey interpreta, assim, o território como algo socio- historicamente produzido, o que se vincula com a reprodução da vida social cotidiana e às condições materiais produzidas.

Harvey argumenta que, a circulação de mercadorias é o ponto de partida para a expressão da transformação do dinheiro em capital (MARX,1988, p.121), ocorrendo, no entanto, a criação de valor do dinheiro, isto é, a materialização do trabalho social objetivado(Pereira, 2010, p. 72).

Compreendemos que, no Brasil, o processo de urbanização é marcado pelas determinações do modelo econômico capitalista, de caráter segregador, que exclui e separa a população brasileira, favorecendo pessoas e locais com maior concentração de riquezas. Gomes e Fernandes (2008, p.3), por sua vez, sinalizam que as desigualdades sociais geradas pela distribuição de riqueza e renda profundamente desequilibrada se estende às formas de ocupação e uso da cidade, ou seja, as formas de apresentação do capitalismo se projetam espacialmente na configuração de suas cidades.

Voltando ao tema da presente dissertação, quando buscamos compreender também a produção social do espaço na cidade do Rio de Janeiro, a partir da ordem social capitalista, é possível identificar que a criação de um centro de abastecimento se enquadra nesse ordenamento, no contexto da cidade, como local da luta de classes.

O mercado São Sebastião, em 1965, conforme reportagem no O Jornal (27 de junho de 1965, p.11, edição 13338) já continha mais de 500 empresas divididas em seus 6 pavilhões, composto de 950 boxes. O centro de abastecimento era composto por duas câmaras frigoríficas, um posto de fiscalização, um posto do Correios e o pavilhão central inteiramente dedicado à administração do mercado.

As empresas que ali funcionavam, em sua grande maioria, eram cooperativas agropecuárias que concorriam para o abastecimento da cidade, como, por exemplo: Cotia, Sul Brasil, Mauá e Araraquara. Elas ampliaram sua ordem de vendas tanto para atacado quanto para varejo, possibilitando ao consumidor adquirir frutas, legumes, ovos, verduras e aves à preços bem mais acessíveis do que nos supermercados tradicionais.

As melhorias e o desenvolvimento do urbano envolvem equipamentos sociais, serviços básicos, meios de locomoção e condições de subsistência, de se manter e se apropriar daquele espaço construído. A cidade é uma criação humana e é também o lócus das relações sociais, então precisa de um conjunto de estruturas para atender suas demandas sociais e a integração das políticas setoriais que dão sustentabilidade para a cidade, como a construção de grandes centros de abastecimentos em áreas periféricas, cujo valor do solo é consideravelmente mais baixo do que nas áreas centrais.

A questão espacial também é determinante para as relações sociais no capitalismo, gerando conflitos e dinâmicas que se sustentam por permanentes construções sociais e físicas. Como afirma Henri Lefebvre (2008), o espaço é político e ideológico, povoado de ideologia. Assim, o espaço exerce uma função política estratégica.

Lefebvre (2008) afirma, que a dinâmica de produção social do espaço é também condição de reprodução ampliada das relações de produção capitalista. Uma vez produzido pelas relações sociais, o espaço também atua como condição de reprodução dessas relações, caracterizando-se como um lugar político e ideológico, formado e modelado a partir de elementos históricos e relações sociais.

se esse espaço tem um aspecto neutro, indiferente em relação ao conteúdo, portanto, “puramente” formal, abstrato de uma abstração racional, é precisamente porque ele já está ocupado, ordenado, já foi objeto de estratégias antigas, das quais nem sempre se encontravam vestígios.(Lefebvre, . 2008, p. 59).

Com o crescente número de estabelecimentos comerciais no Rio de Janeiro e da mão de obra empregadora no setor comercial, as indústrias, mais acentuadamente a partir da década de 1940, começaram a se expandir em direção aos subúrbios, pois as instalações preexistentes no centro da cidade eram um empecilho diante do esforço de reconfiguração dos antigos bairros operários em bairros burgueses. Os espaços de antigas fábricas ou dos mercados centrais eram ativos valiosos para o crescente mercado imobiliário. As formas de representação e planejamento do espaço urbano passou a definir funções específicas para cada área. Atividades industriais e que demandavam grandes espaços, como os mercados, passaram a ser transferidas para zonas mais periféricas. Isso se justificaria também como forma de gerir de maneira mais racional o trânsito urbano, diminuindo o fluxo de pessoas e mercadorias nas áreas centrais. Da mesma forma, as iniciativas de produção de moradia social eram priorizadas em áreas mais periféricas, sendo o projeto da Cruzada São Sebastião, no rico bairro do Leblon uma exceção.

O mencionado Código de Obras de 1937 reforçou tais funções da cidade. A modernização da cidade, desde a Reforma Pereira Passos do início do século XX, buscou retirar a população pobre do centro urbano, o que implicou no aprofundamento do processo de segregação urbana do Rio de Janeiro que passa a ser ainda mais marcado pela divisão entre centro e periferia. O centro e seus arredores foram privilegiados com infraestrutura e recursos naturais, habitada pela população com mais recursos financeiros, enquanto a periferia se mantém desprovida de recursos que mantem uma boa qualidade de vida e ocupada pela população mais pobre.

O Mercado São Sebastião está localizado geograficamente no bairro da Penha, município da cidade do Rio de Janeiro que pertence ao subúrbio carioca. A categoria subúrbio refere-se a uma vasta, populosa e heterogênea região da cidade do Rio de Janeiro. Apesar de ser espacialmente definido, o conceito de subúrbio no Rio de Janeiro não se define de maneira geográfica, ou seja, não se trata de bairros distantes do centro, por exemplo. Bairros como Santa Cruz ou Recreio dos Bandeirantes não são considerados como parte do subúrbio carioca. Por outro lado, bairros relativamente próximos do centro como Benfica ou Rocha são considerados como integrantes do subúrbio. De modo geral, o subúrbio carioca envolve grande parte dos bairros da Zona Norte. Há uma discussão se parte da Zona Oeste integraria o subúrbio ou já estaríamos diante de uma outra identidade urbana. Nesse trabalho, consideramos o subúrbio grande parte dos bairros, que compõe a Zona Norte.

Homero (2014) afirma que a “certidão de nascimento” dos subúrbios seria a estrada de ferro Central do Brasil.

[...] as áreas ocupadas por uma população operária ao longo da via férrea, que vão de Santa Cruz até São Cristóvão, começam a ser identificadas pejorativamente como subúrbio – a *sub urbis*. Subúrbio, portanto, eram as áreas distantes do Centro, que não contavam com a infraestrutura e os símbolos de poder econômico que caracterizavam esse Centro..

De fato, o muro do trem constitui grande parte da paisagem do que se identifica como subúrbio na cidade. A linha férrea ajudou muito a traçar e delimitar o que seria ou não considerado subúrbio. Outros elementos seriam acrescentados à noção de subúrbio, sobretudo depois da abertura da Avenida Brasil. Assim, Torres (2018) traz a noção de subúrbio rodoviário, identificando a importância desse eixo para a consolidação da noção de subúrbio. Isso é importante para a nossa reflexão, já que o Mercado se instala justamente às margens da Avenida Brasil, estando profundamente associado ao subúrbio.

Essa área tem uma existência urbana intensificada a partir de princípios do século XX, que se evidencia através de seus espaços públicos, em ocupações, que segundo Mattoso (2018):

Caracterizam-se tanto pela desqualificação dos seus espaços públicos quanto por uma rica e negligenciada cultura urbana que se expressa e manifesta de diversas maneiras. Ao mesmo tempo em que configuram práticas sociais,

costumes e concepções de mundo, impedem, impulsionam ou propiciam o desempenho de ações humanas (Mattoso, 2018, p.03).

Ao dizer isso, o autor nos leva a concluir que as zonas da cidade se desenvolveram de maneira distinta uma das outras ao longo da história. No entanto esse desenvolvimento evidencia uma construção e condição identitária construída e desenvolvida a partir das multiplicidades das relações sociais no espaço e no tempo. No subúrbio carioca, conseguimos notar composições da estrutura dominante e também a ausência dessa estrutura no cotidiano, ausência essa que corrobora com a segregação socioespacial do capital do Rio de Janeiro.

A segregação socioespacial na metrópole do Rio de Janeiro tem sua origem em processos históricos associados a escolhas políticas e interesses econômicos que ao longo do tempo resultaram na conformação de porções territoriais com características socioeconômicas, físico-ambientais e de infraestrutura urbana, bastante diferenciadas, nas direções norte, sul e posteriormente oeste do seu centro histórico. (Mattoso, 2018, p. 03).

No curso da história da formação urbana carioca, a implantação dos conjuntos habitacionais para substituir as grandes favelas removidas da Zona Sul durante os anos 1960/70 tiveram um papel importante na configuração do subúrbio, proposta diametralmente oposta a que foi implementada pela Cruzada São Sebastião nos anos 1950, quando removeu a Praia do Pinto e instalou seus moradores no próprio bairro do Leblon.

implantam-se conjuntos habitacionais pelo Governo do Estado da Guanabara para alocar a população de ex-favelados em alguns dos tradicionais subúrbios da cidade, nas zonas Norte e Oeste, como Cordovil e Penha. Deste modo, ganha ímpeto um antigo plano das autoridades governamentais, criar uma área fabril na periferia da cidade. Sem debate com a sociedade - fossem os moradores removidos ou os dos bairros que os receberam, a política engendrada cria sérios problemas de sociabilidade entre 'antigos' e 'novos' habitantes (Brum; Albernaz, 2019).

5.

Implicações geográficas para abandono do mercado

Podemos dizer que a extinção do Mercado Municipal da Praça XV de Novembro foi consequência do surgimento de novos planos de modernização urbanística para a zona central da cidade do Rio de Janeiro, o que demonstra a influência do pensamento desenvolvimentista, exemplificado sobretudo pelo presidente Juscelino Kubitschek.

O desenvolvimentismo, característico do governo JK, foi um período marcado pelos investimentos objetivando o crescimento econômico do país, que superasse o lugar de subdesenvolvimento, fortalecesse a economia nacional, a ordem e minimizasse a desigualdade social.

O ponto alto desse desenvolvimentismo foi o Plano de Metas, que tinham por base 31 metas, mas que estava pautado em cinco setores da economia: indústrias de base, educação, alimentação, produção de energia e transporte. Dessa forma seria dinamizado e crescente o processo de industrialização dentro do país, diminuindo as importações, com a perspectiva de gerar lucros e riquezas aos cofres públicos.

A então capital da cidade, acompanhava esse processo desenvolvimentista e fortalecia os investimentos, principalmente na questão industrial e de transporte, por isso se fazia necessário o esvaziamento do centro da cidade, para ocupação de pequenas empresas e comércios, enquanto as indústria e o abastecimento alimentício da cidade estaria localizado às margens da zona central.

O esvaziamento do Mercado Municipal do centro da cidade contribuiu também para criação não só do Mercado São Sebastião, mas também principalmente do Centro de Abastecimento da Guanabara (CADEG) e, posteriormente da Central Estadual de Abastecimento (CEASA). Consideramos que a profusão de mercados em áreas próximas trouxe uma disputa de atividades e provavelmente estimulou a falta de interesse da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro para com o mercado São Sebastião.

A CADEG foi inaugurada em 1962 com o propósito de substituir o extinto Mercado Municipal. Ela fica situada no bairro de Benfica, também na Zona Norte do Rio

de Janeiro e possui setores hortifrutigranjeiros, que contribuem para o abastecimento do estado, assim como bares e restaurantes que fomentam setores turísticos da cidade.

A CEASA, por sua vez, foi inaugurada no início da década de 1970, no bairro de Irajá, também próximo à Avenida Brasil. Reúne pequenos, médios e grandes comerciantes, cooperativas e organizações de produtores do setor alimentício. É também responsável pela distribuição do setor hortifrutigranjeiro do estado.

Esses dois centros de abastecimento são fortes concorrentes do Mercado São Sebastião, e podem ser considerados, , um limitador para o reinvestimento da prefeitura no projeto de revitalização do Mercado São Sebastião.

As cidades crescem em número e extensão. Desenvolve-se o capitalismo comercial, quando a reprodução do capital, no início, ainda estava fundamentada, principalmente, na circulação e distribuição de mercadorias realizadas entre as metrópoles e as colônias, para o abastecimento das necessidades básicas da população. Com isso as cidades foram levadas a construir mercados. [...] A diversidade e quantidade de mercadorias expandem-se para além do simples abastecimento das necessidades básicas da população, e a esta nova diversidade de produtos são incorporados os produtos produzidos pela indústria. A maneira de comercializar é alterada e, modificam a relação dos espaços dos Mercados com o espaço da cidade” (França; Rezende, 2010, p. 06)

Uma das hipóteses levantadas neste trabalho, sobre a escolha da localização do Mercado São Sebastião, foi a estratégia de favorecer o esvaziamento da zona central do Rio de Janeiro, que vinha sendo alvo de novos investimentos econômicos, processo similar ao descrito por Maurício de Abreu em relação às reformas urbanas do início do século XX:

era necessário que se retirassem as pessoas de pouca instrução e poder econômico, negros e ex-escravos que viviam em cortiços e imóveis antigos e que não poderiam compartilhar os espaços dos novos prédios públicos e largas avenidas com estilo europeu que estariam por vir. (ABREU, 2003). [...] Para essas pessoas, foram criados os bairros denominados de subúrbio; sub-urbanos, porque surgiram distante do centro econômico e cultural da urbe com o propósito de retirar a classe operária de baixa renda que ali vivia e que não era condizente (estética e financeiramente) com as reformas urbanas. (Maia; Chão, . 2016, p.150).

Esses novos espaços liberados das regiões central e sul da cidade eram utilizados para fins imobiliários. Segundo Maia e Chão (2016, p. 150), o “controle de circulação e urbanização favoreceu a migração para esses territórios “suburbanos” com o objetivo claro de controlar uma nova forma de habitar”. O Mercado São Sebastião se enquadra nessa dinâmica à medida que visava solucionar os acessos e problemas

logísticos ao centro financeiro da cidade, como a melhoria do comércio de mercadorias, bem como liberar as ruas centrais da cidade para novos usos.

O Estado, enquanto regulador, procura dar condições para que a cidade obtenha possibilidade para aumentar a obtenção de lucro e não se consolide como espaço de troca e de relações sociais. Para Carlos Nelson Ferreira dos Santos (2009), o que faz um lugar ser considerado mais valorizado que o outro é o investimento do Estado monopolizado pelo capital privado.

A localização do Mercado também contribuiu como fator de abandono, uma vez que se encontra no subúrbio carioca, localização que também vinha sofrendo abandono por parte do Estado nas últimas décadas. Está localizando em uma área do subúrbio, que sofreu particularmente com a questão da violência nas últimas décadas.



Figura 17. Imagem de Satélite da Área do Mercado São Sebastião e seus entornos, atualmente.

Elaboração pessoal com base do Google Maps, Maio de 2021

A década de 1990, no Rio de Janeiro, foi marcada pela tímida retomada do crescimento econômico e social, acompanhado do avanço do neoliberalismo no Estado Brasileiro e da sua abdicação enquanto regulador social (Gomes, 2005), agravando as expressões da questão social, principalmente sobre a questão da infraestrutura pública, que ficou sendo vista como muito cara e ineficiente, levando em consideração os outros gastos do Estado.

Ao longo do século XX e no século XXI, ainda em seu começo, a contradição da política econômica e social brasileira não alterou de forma substancial aos níveis de pobreza e o profundo acirramento das desigualdades sociais, agudizadas nos últimos anos. Nos contextos delimitados nesses períodos, marcados por ausência ou ineficiência de ações de planejamento urbano, ocorreram processos de ocupação habitacional de espaços do território urbano situado às margens das cidades, não necessariamente pelo aspecto geográfico, mas, principalmente, pelo social e simbólico, consolidando um desenho com marcas profundas de uma sociedade dividida e desigual com traduções regionais específicas (Fernandes; Lima, 2021, p. 259).

Embora o Mercado tivesse um grande potencial como polo de abastecimento, sofreu forte abandono a partir da década de 1990 por parte das autoridades federais e cariocas, o que causou evasões dos empresários e usuários, despencando os valores de arrecadação e gerando desemprego. Durante seus anos de maior atividade, foi considerado o terceiro maior arrecadador de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços – ICMS – do estado do Rio de Janeiro.

O processo de decadência no Mercado começou sobretudo na segunda metade da década de 1990, quando foram registrados 42 crimes de sequestro dentro do estabelecimento (O Globo, DATA, 2012), fomentando o processo de desqualificação e abandono do local. O transporte público interno foi interrompido, o asfalto se desfez e não foi repostado, não havia mais tratamento de saneamento básico e nem segurança pública. Instalaram-se no local cerca de 600 casas irregulares como forma de ocupação e moradia, refletindo a importância de se ter construído moradias no local, conforme previsto no projeto original de Dom Helder, mas que nunca chegou a se concretizar.



Figura 18. Uma das ruas do Mercado São Sebastião sem asfalto

Fonte: Reprodução da internet, Google, 2022.

O complexo teria ficado sem investimento público por cerca de 10 anos por causa de uma disputa judicial entre a Prefeitura do Rio de Janeiro e a Sociedade de Desenvolvimento de Mercados (SODEME) pela posse do local. Enquanto ainda tramitava o processo judicial, o Governo Municipal responsabilizava a Igreja Católica pelas condições precárias nas quais se encontrava o Mercado. Em 2009, a Prefeitura venceu a disputa e iniciou o processo de revitalização, o que caminha de forma lenta e até os dias atuais ainda não resultou em mudanças significativas do local.

Em 2012, no aniversário de 50 anos do Mercado, a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, propôs um projeto de revitalização que buscava atrair de volta empresários que haviam abandonado seus galpões, e também o reassentamento de 318 famílias, cerca de mil e duzentas pessoas, que moravam em habitações espalhados por diversas ruas do centro de abastecimento. Curiosamente, a prefeitura pretendia reassentar essas famílias em bairros da Zona Oeste, distante dezenas de quilômetros do mercado, o que seria completamente destoante com a proposta do próprio Dom Helder Câmara. Tais reassentamento não ocorreram.

Esse procedimento de revitalização incluiu obras de pavimentação e também a construção de uma ponte ligando o Mercado à Rodovia Washington Luís. As ruas ficariam mais

limpas, iluminadas, previsão de novas obras e a criação de um pólo gastronômico. A ideia do projeto de revitalização do Mercado São

Sebastião, na Penha, é transformá-lo, segundo a prefeitura, na “Cobal da Zona Norte”. (O Globo, 2012).

Anos depois, em 2019 a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro criou uma comissão para estudar medidas que tornassem viável revitalizar do mercado em toda sua área de extensão com cerca de um milhão de metros quadrados, num acordo entre a Prefeitura Municipal e comerciantes da Bolsa de Gêneros Alimentícios. O plano de revitalização do mercado é um dos passos iniciais para seguir com o plano da prefeitura municipal de revitalização da Avenida Brasil, sobretudo com a proximidade de inauguração do novo BRT Transbrasil.

6.

Considerações Finais

Posso afirmar que produzir essa dissertação foi a tarefa mais difícil a qual me comprometi a fazer. Em março de 2020, no primeiro dia de aula do curso, jamais imaginaria o que estava por vir nos dois anos seguintes. A trajetória dessa escrita ficou marcada por momentos de muita tensão. Posso até dizer que foram traumáticos e sofridos. Enfrentamos uma pandemia, de um vírus totalmente desconhecido e com alto índice de letalidade. Lidamos com tal pandemia com um país dividido, que nem conseguiu viver profundamente seu luto coletivo. De cunho particular, precisei me despedir e enfrentar o luto por cinco familiares e ainda conviver com incertezas e circunstâncias angustiantes no âmbito social, econômico, pessoal e acadêmico.

Escrever essa dissertação me levou além ao meu limite, me fez questionar as minhas potencialidades, escolhas e desejos não só acadêmicos, mas também profissionais. Escrever essa dissertação me fez refletir sobre a trajetória a qual percorremos até hoje sobre como ainda temos muito para lutar pela aplicação prática de direitos que tendem infelizmente a permanecer somente no âmbito teórico.

De forma geral, remonto as discussões abordadas durante este trabalho de dissertação de mestrado, que buscou apresentar de forma histórica e cronológica a história da idealização e fundação do Mercado São Sebastião, centro de abastecimento hortifrutigranjeiro localizado no subúrbio do Rio de Janeiro, idealizado pela Cruzada São Sebastião, que foi um importante movimento da igreja católica na construção urbana da cidade carioca.

De início, foi apresentado Dom Helder Câmara, líder religioso que era o idealizador e fundador de todos os projetos da Cruzada São Sebastião. O religioso foi uma grande figura para a configuração e formação urbana da cidade do Rio de Janeiro a partir da década de 1950. Foi por incentivo e iniciativa dele que favelas cariocas tiveram acesso a bens e serviços e que comerciantes puderam obter melhores condições de trabalhos, vivendo mais próximos dos seus locais de trabalho.

Ainda no segundo capítulo, explicamos o nascimento da Cruzada São Sebastião enquanto instituição e movimento católico para fomentar o desenvolvimento e a inclusão de favelas no contexto urbano do cenário carioca. Quando se ouve falar em Cruzada São Sebastião, a primeira coisa a se pensar é no conjunto habitacional localizado no Leblon, zona sul da cidade. No entanto, tal condomínio é mais um fruto do trabalho, à época com caráter moralizador e cristianizador, empenhado em construir e possibilitar novas e melhores condições de vida e habitação à população favela do Rio de Janeiro.

Em seus anos de maior prestígio, a Cruzada buscava atender a população com os subsídios obtidos através da parceria com o Estado e das doações e campanhas de arrecadação de verba das Igrejas. Além dessas fontes de recursos, um dos planos de arrecadação de dinheiro para os projetos da organização era a comercialização de terrenos e galpões do mercado para financiar as obras e iniciativas da Cruzada.

No terceiro capítulo, foi apresentado o objeto central de estudo dessa pesquisa, o Mercado São Sebastião. Como foi visto, o mercado teve forte incentivo do poder público em sua construção, teve apoio e mobilização de setores da sociedade civil para que o mercado fosse um empreendimento de sucesso e assim foi durante seus primeiros anos de funcionamento. O centro de abastecimento hortifrutigranjeiro atingiu altos índices de recolhimento de imposto e fomentou centenas de novos empregos

Usamos, no quarto capítulo, referências bibliográficas e acionamos categorias analíticas para fazer um estudo sobre os conceitos de território e subúrbio. Usando referências como Harvey, Lefebvre, Lojkin, Gonçalves, Mattoso, e Brum, foi mostrado como as relações sociais e econômicas afetam a dinâmica da divisão das zonas urbanas, e impacta diretamente em como essa cidade se reproduzirá.

Quando menciono no quarto capítulo a ausência das intervenções estatais que ocorrem em determinadas zonas de maneira proposital, me refiro ao fato do Estado priorizar investimento em determinadas áreas da cidade. Tal dinâmica beneficia certos grupos econômicos, que podem auferir lucros com a grande valorização resultante de investimento públicos, que ocorrem na Zona Sul do Rio de Janeiro, assim como, mais recentemente, na Zona Portuária. Ambas áreas têm forte poder turístico e de retorno imobiliário, alimentando os interesses do Estado e da burguesia carioca.

Essa ausência impacta diretamente na regulamentação da questão urbana, de forma que o segmento pobre e favelado da população carioca se mantém desprovido de recursos urbanos necessários à sua manutenção.

O capitalismo contribuiu para a divisão social do espaço e acentua o padrão de carências de bens de serviço nas zonas periféricas e suburbanas carioca. Como mencionamos, grupos dominantes se apropriam dos setores urbanos mais valorizados, como localização privilegiada, acessibilidade e infraestrutura disponível, deixando certos bairros para as classes mais baixas, majoritariamente suburbana e periférica.

O subúrbio, por sua vez, é, majoritariamente, vivido e completado pela população mais pobre e com menor poder aquisitivo. Acredito que tal fato não desperte interesse do Estado em investir, com a perspectiva de não ter retorno financeiro esperado e

contribuir para manutenção da pobreza, do descaso, da violência à população pobre e limitação do acesso à direitos sociais.

Enxergo o território urbano como um dos lugares decisivos na luta de classes e no processo de urbanização, bem como parte da divisão social e territorial do trabalho, e principalmente na produção e reprodução das relações sócias. A cidade, como vimos, é o *lócus* do sistema de produção, a partir do processo de industrialização iniciado na década de 1940, aumentando consideravelmente a população urbana operária e consequentemente a divisão e segregação do espaço. Uma vez que os mais ricos ficariam com as partes mais privilegiadas e centrais, o proletariado seria segregado e marginalizado diante do esforço desenvolvimentista e de “embelezamento” voltado prioritariamente para beneficiar zonas de elite da cidade.

No quinto capítulo deste trabalho, foi apresentada a situação atual do Mercado São Sebastião. A proposta inicial seria uma pesquisa de campo, com entrevistas e visitas locais, que foi prejudicada pelos limites de prevenção à pandemia. No entanto, foi realizada uma busca por jornais mais atuais e reportagens que elucidassem as condições presentes do centro de abastecimento.

Vemos que o mercado, após sessenta anos de existência, ainda funciona e movimenta o setor hortifrutigranjeiro do Rio de Janeiro, apesar dos entraves físicos e materiais a qual está submetido.

Por fim, podemos concluir que a construção do mercado foi de grande relevância urbana, social e econômica para a capital fluminense. Apesar das dificuldades e da ausência de recursos e investimentos, o centro de abastecimento permanece em funcionamento mesmo após 60 anos de sua inauguração.

Apesar dos desafios e tropeços das décadas e gestões passadas, da forte concorrência com outros mercados hortifrutigranjeiros que são agentes distribuidores dos alimentos da cidade e do estado como um todo, o Mercado São Sebastião, na figura de seus representantes, se mantém resistindo.

7.

Referências Bibliográficas

BRUM, Mario Sergio; ALBERNAZ, Maria Paula. **Subúrbios Cariocas**: ambiguidades territoriais e múltiplas identidades historicamente construídas. ENANPUR, Natal/ RN. 2019

BURGOS, Marcelo Baumann. **Dos parques proletários ao Favela-Bairro**: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro, in: Um século de favela – Alba Zaluar e Marcos Alvito (orgs). 5ª ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006

Estatuto da Cruzada São Sebastião, 1959. Disponível em Acervo Maria Luiza e Edgar Amarante, Núcleo de Memória da PUC-Rio.

FARIA, Camila. **As comunidades eclesiais de base no processo de organização política do movimento popular por moradia no município de volta redonda (1970-1980)**. UFF –Niterói/RJ, 2013.

FERNANDES, Angelica. **Combate à pobreza de Dom Helder é visto como projeto pioneiro**. Mapa das ONGs, Novembro de 2015.

FERNANDES, Tania Maria, LIMA, André Luiz da Silva. **Favelas, direitos e experiências coletivas**: olhares sobre o PAC Manguinhos (2008 -2016) *in: Pensando as favelas cariocas: história e questões urbanas* - GONÇALVES, Rafael Soares, BRUM, Mário, AMOROSO, Mauro (orgs.). - Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Pallas, 2021.

FRANÇA, Carolina Rebouças; REZENDE, Vera. **O desaparecimento do Mercado Municipal Praça XV**: fator na formação do espaço público da Cidade do Rio de Janeiro. I Encontro Nacional da Associação de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro. 2010.

GOMES, Maria de Fatima Cabral Marques. **Habitação e questão social - análise do caso brasileiro**. *Scripta nova* revista electrónica de geografía y ciencias sociales universidad de barcelona. Issn: 1138-9788. Depósito legal: b. 21.741-98 vol. Ix, núm. 194 (26), 2005.

GOMES, Maria de Fatima Cabral Marques; FERNANDES, Lenise Lima. **Questão Urbana e Exclusão Social: O que mudou nas favelas de *Praia da Rosa* e *Sapucaia* uma década após o Programa Bairrinho?** Rev. Pol. Públ. São Luis, v. 12, n. 2, p. 45-55, jul./dez. 2008.

GONÇALVES, Rafael Soares. **Favelas do Rio de Janeiro: história e direito.** Rio de Janeiro: Pallas: Ed. PUC-Rio, 2013.

GONÇALVES, Rafael Soares; BAUTÈS, Nicolas; MANEIRO, Maria. **A informalidade urbana em questão.** O Social em Questão - Ano XXI - nº 42 - Set a Dez/2018.

GONÇALVES, Rafael Soares; FERREIRA, Caren Caroline Paulo. **Aspectos urbanísticos da atuação da Cruzada São Sebastião na cidade do Rio de Janeiro.** Sociedade em Debate. (Pelotas), v. 25, n. 1, p. 211-223, jan./abr. 2019.

HARVEY, David. **A Produção Capitalista do Espaço.** São Paulo: Anna Blume, 2005.

HARVEY, David. **O Neoliberalismo.** 5ª ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2014.

HOMERO, Vilma. Subúrbios: **150 anos de história carioca.** Revista História Ciências Saúde – Manguinhos, FIOCRUZ. Jan/2014.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política.** Belo Horizonte: Editora UFMG. 2008.

LOBO, Heloísa Carmello Rocha. **Processo de remoção: sociabilidades, disputas e conflitos em uma região comercial na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: PPCIS-UERJ, 2014.

LOJKINE, Jean. **O Estado capitalista e a questão urbana.** SP: Martins Fontes, 1997.

MAIA, João Luis Araújo, CHAO, Adelaide Rocha de la Torre. **Subúrbio carioca: conceitos, transformações e fluxos comunicacionais da cidade.** Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul – v. 15, n. 29, jan./jun. 2016, p. 147-165.

MATTOSO, Rafael. **A Cultura Urbana nos Subúrbios Cariocas: Uma análise das relações de sociabilidade suburbanas ao longo do século XX.** XVIII Encontro de História da Anpuh- Rio: História e Parcerias, 2018.

OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues. **As retóricas da “marginalidade social”:** espaço urbano, práticas estatais e políticas nas favelas (1947-1961), *in: Pensando as favelas*

cariocas: história e questões urbanas - GONÇALVES, Rafael Soares, BRUM, Mário, AMOROSO, Mauro (orgs.). - Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Pallas, 2021.

PEREIRA, Tatiana Dahmer. **O Território na Acumulação Capitalista: possibilidades da categoria a partir de David Harvey**, in: *O Social em Questão* - Ano XIII - nº 24 – Rio de Janeiro. 2010.

PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara e a Cruzada São Sebastião**. Abril de 2017

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **A desordem é só uma ordem que exige uma leitura mais atenta**. *Revista de Administração Municipal - MUNICÍPIOS – IBAM* - Ano 54 - Nº 271, 2019.

SILVA, Antônio; RABAÇA, Silvio. **Bolsa de gêneros alimentícios, 195/2011: da esquina do pecado ao palco da bolsa**. Rio de Janeiro: Documenta Histórica, 2011.

SLOB, Bart. **Do barraco para o apartamento: a humanização e a urbanização de uma favela situada em um bairro nobre do Rio de Janeiro**. Niterói/Rj, 2002.

SOUZA, Adenilson Ferreira de. **Desenvolvimento, democracia e justiça social no pensamento de Dom Helder Camara (1931-1985)** – UFMG, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política - Belo Horizonte – MG – Brasil 2015.

TORRES, Pedro Henrique Campello, **“Avenida Brasil – Tudo Passa Quem Não Viu?”: formação e ocupação do subúrbio rodoviário no Rio de Janeiro (1930-1960)** *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v.20, nº2, 2018.

8.

Anexos



Depoimento de ex-representantes comerciais do Mercado São Sebastião
Imagem do livro Da Esquina do Pecado ao Palácio da Bolsa, 2011, p. 67.



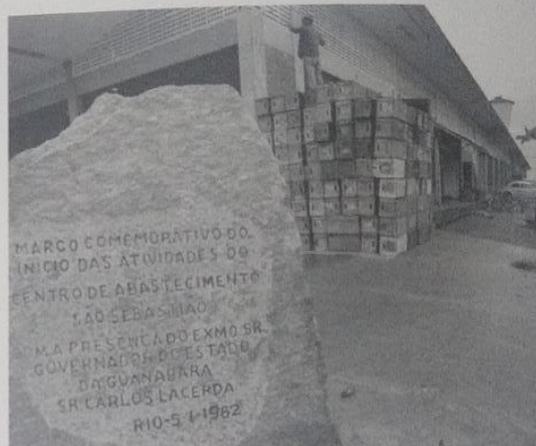
Dom Helder Camara e Francisco Negrão de Lima observando maquete do mercado

Imagem do livro *Da Esquina do Pecado ao Palácio da Bolsa*, 2011, p. 58.

RUIVO AO MERCADO



No sentido horário: Dom Hélder discursa na Associação Comercial do Centro São Sebastião. Marco comemorativo do Centro de Abastecimento São Sebastião. Mercado São Sebastião em construção e sua entrada na Avenida Brasil, com placa "em obras" de 1957 [BGA-RJ; Agência O Globo, 1972, 1958, 1957]



REVISTA
da
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL

Órgão oficial da Federação das Associações Comerciais, do Brasil e da Associação Comercial do Rio de Janeiro

Diretor — Raul de Goes

Redator Chefe — José
Oswaldo de Carvalho

Séde : Rua da Candelária, 9
— 11.º andar — Sala 1112 —
Rio de Janeiro — Brasil —
Tels. 23-0601 e 43-4870 (rede
interna) — Gerência e
Publicidade

11.º and., S. 1113, tel. 23-0601
Caixa Postal 738

Gerência e Publicidade
Carlos de Oliveira Chagas

Assistente de Publicidade :
Carlos Alberto Soares

TABELA DE PREÇOS

Pág. de Capa (4.ª	pág.)	10.000,00
Pág. de Capa (2.ª	pág.)	8.000,00
Pág. de Capa (3.ª	pág.)	6.000,00
1	Página	5.000,00
2/3	Página	3.500,00
1/2	Página	2.500,00
1/3	Página	2.000,00
1/4	Página	1.500,00

Materia em forma de noticiário, mais 25% sobre os preços acima mencionados.

Assinaturas anuais, podendo começar em qualquer época :

Distrito Federal	Cr\$ 240,00
Estados	Cr\$ 300,00
Exterior	Cr\$ 360,00

Circula nos dias 15 e 30 de cada mês.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores. Não se devolvem originais, mesmo os não publicados.

Número avulso . Cr\$ 10,00
Número atrasado Cr\$ 12,00

Os pedidos de assinaturas devem ser encaminhados ao Departamento de Circulação podendo os pagamentos serem feitos em vales postais ou Reembolso Postal, por intermédio da "REVISTA DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL"

**OPINIÕES
& COMENTÁRIOS**

**O MANIFESTO DO EPISCOPADO
FLUMINENSE**

**INTEGRA DO IMPORTANTE DOCUMENTO SUBSCRITO
PELO CARDEAL ARCEBISPO E PELO BISPO AUXILIAR
DO RIO DE JANEIRO**

"A Reunião da Província Eclesiástica do Rio de Janeiro coincidiu, este ano, com a liberação do líder comunista brasileiro, fato da maior gravidade, dado que a artilosa suavidade de suas declarações está apanhando de surpresa a opinião pública nacional e levando ao extremo sua propensão à indulgência e a atitudes liberais.

A imprensa, o rádio e a televisão — com raras exceções — deram à mais completa e amável cobertura às hábeis colocações do neingresso na vida cívica, esquecidos de que todo o jôgo tinha sido desvendado em célebre entrevista tornada pública desde fins do ano passado. Representantes de forças conservadoras apressaram-se em saudar a nova, comedida e insincera posição do condutor dos comunistas brasileiros. Com o ano eleitoral à vista, compreende-se o alvoroço dos Partidos políticos, desejosos de conquistar os votos vermelhos ou, ao menos, temerosos de tê-los contra suas legendas. Sem perda de tempo, com audácia de quem sabe tirar proveito do estonteamento no campo adversário, vem o chefe do comunismo indígena realizando visitas incríveis e estabelecendo contatos de estarrecer.

Aliás, o ambiente já vinha sendo preparado por infiltração comunista em vários setores da vida pública, inclusive no exercício de cargos oficiais de responsabilidade. Até instituições da mais alta finalidade, nascidas como orientadoras das soluções de problemas nacionais, não se acham isentas de influência soviética.

Tudo isso nós leva a incluir entre as nossas preocupações mais graves do momento, não tanto uma palavra doutrinária sobre o comunismo (ela tem sido dada, repetidas vezes, pelo Sumo Pontífice, e, entre nós, inclusive em Pastoral Coletiva de todo o Episcopado Brasileiro, em 1937), mas um alerta à ingênuos Incapazes de ver que o comunismo abusa de nossa boa fé e ausência de malícia para renovar aqui processos que tem adotado em outros países, inclusive, recentemente, na Síria. Ninguém, pois, se deixe iludir.

Deus nos livre de esquecer a liberdade e de traí-la, trabalhando contra ela. Deus nos livre de esquecer a democracia e de comprometê-la, depois das diretrizes do Vigário de Cristo, oportunas e definitivas em defesa do Governo do povo pelo povo, sob a soberania de Deus. Mas a experiência de democracias autênticas vem provando que o Estado democrático tem não só o direito, mas a obrigação de defender-se. Agir de outro modo seria assumir atitude suicida.

Bem haja o propósito do Poder Executivo de endereçar, imediatamente, ao Congresso, Mensagem solicitando leis complementares, desde que justas e comedidas, para a sobrevivência do regime.

Fazemos ao Poder Legislativo a justiça de confiar que, com igual rapidez, oferecerá à Nação os solicitados instrumentos de defesa e salvaguarda ante a insídia de um movimento, essencialmente o mesmo em tôda parte, como o demonstra claramente, por exemplo, no tocante

SOLUÇÃO DEFINITIVA AO PROBLEMA DO ABASTECIMENTO

Posse da primeira diretoria da novel associação dos comerciantes — Valor da iniciativa particular — Retrato do Centro de Abastecimento São Sebastião na palavra do pres. Henrique F. Nogueira

Na cerimônia de posse, efetuada a 14 do corrente na Associação Comercial do Rio de Janeiro, da primeira diretoria da Associação dos Comerciantes do Centro de Abastecimento São Sebastião, Dom Helder Câmara, entre dois apelos destinados aos homens, seguidos de dois comentários e de um apelo aos céus, pediu ao Prefeito Negrão de Lima, ratificando a pretensão do comércio, que adiasse a demolição do Mercado Municipal.

O pedido já fora formulado no discurso de posse do sr. Francisco Henrique Nogueira, Presidente da novel entidade, e Dom Helder deliberou patrociná-lo, requerendo ao Prefeito resposta pronta, embora não seja de seu hábito — acentuou — “colocar pessoas em face de soluções imediatas”

Replicando, o sr. Negrão de Lima declarou-se em situação difícil, pois recebera calorosas palmas da assembleia e, como todo carioca, também acha que Dom Helder “é o maior”. Entretanto, o adiamento da demolição do velho Mercado Municipal, fadado a desaparecer depois de prestar bons serviços à cidade, importava no retardamento, por um ano, da Avenida Perimetral, obra pública de relevância igual à do Centro de Abastecimento São Sebastião.

— São dois empreendimentos de igual importância: um, o Centro, visa a assegurar o abastecimento metropolitano, importando ainda num esforço pelo barateamento da vida; outro, a Avenida, objetiva desafogar o tráfego no centro da cidade e, ontem mesmo, o Prefeito determinou providências para que em fins de 1959 seja inaugurado o trecho até a Avenida Presidente Vargas. São dois pratos do mesmo peso numa balança. Peço para o Prefeito a caridade do Arcebispo e solicito que Dom Helder e os Diretores da Associação dos Comerciantes do Centro de Abastecimento São Sebastião compareçam ao meu gabinete. Faremos uma reunião com a finalidade de encontrar um termo de equilíbrio.

Dom Helder treplicou. Informou que ele e os comerciantes irão à reunião no Guanabara, a fim de encontrar “uma solução que não altere injustamente o equilíbrio dos pratos da balança.”

DOM HELDER, FIEL DA
BALANÇA

A posse da primeira diretoria da Associação dos Comerciantes do

Centro de Abastecimento S. Sebastião ocorreu em solenidade presidiada pelo sr. Rui Gomes de Almeida, que convidou para fazerem parte da mesa os srs. Mário Meneghetti, Ministro da Agricultura e Representante do Presidente Juscelino Kubitschek, Dom Helder Câmara, Chefe da Cruzada São Sebastião, Negrão de Lima, Prefeito da Cidade, e Henrique Francisco Nogueira, Presidente da diretoria empossada.



Quando falava o sr. Rui Gomes de Almeida, ladeado pelos srs. Henrique Francisco Nogueira, presidente da Associação dos Comerciantes do Centro de Abastecimento São Sebastião, Mário Meneghetti, Ministro da Agricultura, Prefeito Negrão de Lima e D. Helder Câmara.

O sr. Rui Gomes de Almeida, falando na abertura dos trabalhos, situou a posição de Dom Helder, que contornou dificuldades e eliminou dificuldades, tudo para que o Rio moderno e o Rio do futuro tenham um abastecimento de gêneros à altura de suas necessidades.

Depois de falar o sr. Mário Pen-teado, em nome da Confederação Rural Brasileira, Dom Helder pediu a palavra e louvou a iniciativa privada, que tudo realiza quando apoiada pelo poder público.

— No Brasil — disse o Arcebispo — precisamos prestigiar a iniciativa particular e falar deste modo porque sei que este é exatamente o pensamento do Presidente da República. Onde estaríamos nós se fossêmos esperar que o Governo fizesse tudo?

Disse Dom Helder que São Sebastião, padrinho do Rio de Janeiro, já salvou esta cidade da peste, graças aos esforços de sanitaristas eminentes; e que também a salvará da fome e da guerra, neste sentido consubstanciando o apelo que fez aos céus.

Conclamou o Arcebispo o comércio para uma cruzada em benefício do barateamento da vida. — Existem áreas isoladas onde a fome se implantou. Urge respeitar o povo, cuja paciência tem limites — advertiu.

Também falou o sr. Mário Meneghetti, acentuando que “este encontro entre homens das classes produtoras e do poder público significa que no Brasil não há terreno para doutrinas exóticas.

Se Juscelino Kubitschek aqui estivesse talvez dissesse como Osório: — “é fácil comandar uma legião de heróis” — concluiu o Ministro da Agricultura.

Ao encerrar a sessão, o sr. Rui Gomes de Almeida, frisou que Dom Helder advogara perante o Prefeito uma pretensão do comércio: — o adiamento da demolição do Mercado Municipal. O sr. Negrão de Lima não delibrou de estalo, porém, de certo, terá uma resolução, embora difícil.

O DISCURSO DO SR. HENRIQUE FRANCISCO NOGUEIRA

Na solenidade, o sr. Henrique Francisco Nogueira, presidente da primeira diretoria da Associação dos Comerciantes do Centro de Abastecimento São Sebastião, pro-

feriu o discurso cuja integra a seguir divulgamos:

"Minhas Senhoras e meus Senhores:

Sejam as minhas primeiras palavras, de saudação, da recém-nascida e esperançosa Associação dos Comerciantes do Centro de Abastecimento São Sebastião, à veneranda e gloriosa Associação Comercial do Rio de Janeiro, orgulho de todos os que labutamos no Comércio, na Indústria e na Agricultura e de agradecimento ao presidente desta Casa, que tão sabiamente a preside, honrando a sua brilhante tradição.

Queremos ainda sr. Presidente, agradecer a V. Excia., a cessão desses magníficos salões, para realizarmos neste ato a posse da Diretoria da Associação dos Comerciantes do Centro de Abastecimento São Sebastião, e o prestígio que esta casa e V. Excia. emprestam a nossa novel Associação. Pedimos a V. Excia., que, como nosso intérprete, transmita essa saudação e esses agradecimentos a todo o corpo diretor e associativo da casa de Mauá, à qual temos a honra de passar a pertencer como seus filiados.

Sr. Presidente: Há cinquenta anos, quando a população do Distrito Federal era de apenas meio milhão de habitantes, quando as condições de salubridade do Rio de Janeiro ainda despertavam insegurança quanto ao seu próximo desenvolvimento, homens de visão e coragem idealizaram e consubstanciam o atual Mercado Municipal.

Localizado a dois ou três quilômetros do Centro da Cidade, foi, por esse motivo, vaticinado ao fracasso pelos pessimistas da época; contudo, consolidou-se e foi, durante meio século, um dos centros de turismo de nossa Cidade e motivo de orgulho de nossa população.

Esses dados justificam a homenagem que hoje prestamos a aqueles pioneiros do comércio que legaram à nossa metrópole, esse empório que durante meio século lhes prestou inestimáveis serviços.

O progresso, entretanto, não é contemplativo e não pode ser sentimental. Sua marcha é inexorável. E, insensatos são aqueles que a querem deter.

O que foi ontem um monumento de arquitetura, uma ousadia de concepção, não é hoje senão um obstáculo ao progresso da cidade, um simples detalhe do que ela necessita para atender às suas necessidades. Estamos diante de uma fatalidade! Dura, é verdade, aos nossos corações; amarga, é verdade, aos nossos espíritos: amante que somos, daquele local, onde muito de nós, deram os primeiros passos e onde quase todos iniciamos a nossa vida comercial. Mas é uma fatalidade e cumpre-nos seguir a máxima americana: tirar o chapéu para o passado, como reverência, e o paletó para o futuro, para enfrentá-lo com energia.

Felizmente, meus senhores e minhas senhoras, quando nos chegavam aos ouvidos o ranger metálico das esteiras dos tratores, trazendo ameaçadora a marcha do progresso e os ribombos dos bate-estacas plantando os seus marcos de conquistas, quando, então, submetidos ao sentimento de que não nos era justo entrar o progresso do Rio, porém, igualmente consciente do dever de defender os nossos meios de subsistência, que é a subsistência dos produtores, comerciantes, transportadores, empregados e empregadores, que viam ameaçados os seus patrimônios e meios de vida, surgiu-nos essa figura providencial, que já superou as fronteiras de seu arcebisado, para ecoar em todo o país e repercutir no estrangeiro, cujo nome proferimos com toda a deferência: **DOM HELDER CÂMARA.**

Que nos trazia o sr. Arcebispo, a nós, angustiados pelo duplo sentimento que acabamos de descrever? — A solução para o nosso angustioso problema. — Mas, com essa solução apenas o meio de nos livrarmos da posição ingrata, da posição odiosa, da posição acabrunhante de entravadores do progresso? — Não. Nos trazia uma solução muito mais alta, mais nobre, mais ampla... Ia dar-nos a oportunidade de transformarmos-nos, de afligidos, em colaboradores da sua gigantesca obra de aliviar aflitos e afligidos; ia dar-nos, a nós, já acusados de obstruidores do progresso da Capital, a oportunidade de colaborarmos na sua obra de defender a cidade do seu principal problema social; as favelas; ia dar-nos, a nós, já suspeitos de opositores às autoridades, o ensejo de com elas colaborar na solução, não só do problema de estética, como no do tráfego, no da alimentação e, sobretudo a ocasião de — com o mais justificável orgulho — ajudar a oferecer a esta cidade, uma obra ímpar em todo o mundo: O CENTRO DE ABASTECIMENTO SÃO SEBASTIÃO.

Minhas senhoras e meus senhores: — o CENTRO DE ABASTECIMENTO SÃO SEBASTIÃO, tomou esse nome de "Centro", por hábito de origem, mas, já o nome de "Centro" não expressa realmente as suas proporções. Inicialmente pensou-se simplesmente em um mercado para substituir o atual; mais tarde com a adesão dos cerealistas a esta obra que lhe deu proporções gigantescas — passou este mercado a chamar-se Centro, hoje, com a criação de áreas para indústrias, de áreas residenciais, serviços de manutenção, etc. só um nome expressaria, realmente a sua magnitude: "CIDADE DO ABASTECIMENTO". Longe de nós, no entretanto, sugerir tal modificação que viria trazer freqüentes e prejudiciais confusões com a Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Da palavra cidade, servimo-nos unicamente para expressar as dimensões da obra em que estamos empenhados.

O CENTRO DE ABASTECIMEN-

TO SÃO SEBASTIÃO, já hoje se constrói em quatro setores perfeitamente definidos: o setor cerealista, que ocupa uma área de 170 mil metros quadrados; o setor da indústria de alimentação, com 130 mil; e o setor residencial, com 42.000; e o setor horti-granjeiro, que ocupa uma área de 66.500 metros quadrados. Além dessas, há, ainda, duas outras áreas: uma de mais ou menos 250 mil metros onde poderão ser instalados frigoríficos, trapiches, entrepostos de peixes, carnes, leites, etc. e outra enorme área, destinada a diversas indústrias, depósitos, serviços auxiliares e etc.

No setor cerealista, já estão em construção 216 armazéns e 216 escritórios para o comércio de gênero; 192 lojas para bancos, restaurantes, farmácias, cafés, padarias, papelerias, varejo em geral; 192 escritórios para despachantes, advogados, médicos, agrônomos, veterinários, contadores, repartições, etc.; e está sendo projetado o edifício da Bolsa de Gêneros Alimentícios, que terá oito ou dez andares, onde, além das dependências administrativas, haverá restaurantes, auditórios, salas de exposições, projeções e conferências, e cerca de 300 escritórios para representantes e empresas comerciais. No setor da indústria de alimentação, irão instalar-se moínhos, panificações em grosso, abatedouros de aves e pequenos animais, fábricas de massas e biscoitos, etc.; no setor residencial, serão construídos apartamentos, hotéis e lojas de varejo para as suas próprias necessidades. No setor horticrijeiro — que deverá estar pronto até o fim do corrente ano — serão — construídas 672 lojas e boxes, para os comerciantes e produtores de frutas, carnes verdes, peixes, ovos e outros. Tem portando, de início, o Centro de Abastecimento São Sebastião, uma área já comprometida de um milhão de metros quadrados e, aproximadamente, dois mil estabelecimentos e escritórios comerciais em projeto e construção.

Dada a magnitude do empreendimento e a grandeza dos seus diversos setores, necessário se tornou que, cada um deles, se organizasse, para se administrar de acordo com as suas particularidades e facilitar a administração do conjunto. Daí, fundarmos a ASSOCIAÇÃO DOS COMERCIANTES DO CENTRO DE ABASTECIMENTO SÃO SEBASTIÃO.

Convocados os comerciantes para a fundação da Associação, fomos, devemos confessar, gratamente surpreendidos com a compreensão e alto espírito associativo dos nossos colegas. Imediatamente, a ela aderiram cerca de 60% dos comerciantes do atual Mercado Municipal. Do seu corpo de associados, fazem parte hoje importadores e exportadores, onze mil e seiscentos produtores organizados e distribuídos pelas poderosas cooperativas agrícolas de Cotia, Sul Brasil, Mogi das Cruzes, Bandeirantes, Mauá e Taubaté, além de 184 comerciantes e lavradores do velho mercado; 27

grandes produtores agrícolas do Estado do Rio de Janeiro e 181 lavradores e firmas importantes de gêneros alimentícios, o que garante o seu perfeito desenvolvimento.

Sr. Presidente: Um objetivo principal presidiu e preside o espírito de nossa Associação — o de lutar por todos os meios e modos para o barateamento dos preços dos artigos hortigranjeiros e a sua perfeita organização do seu armazenamento e distribuição. Para isso, procuramos congregar o maior número de produtores, procuraremos associar outros mais e fomentar a criação de novas cooperativas e consórcios de produção. Transformaremos esse ideal em verdadeira campanha que, em homenagem a esta Casa; que, em homenagem a S. Excia. o sr. Prefeito; que, em homenagem ao nosso patrono Dom Helder Câmara lançamos hoje, daqui, desta tribuna, com toda a ênfase, para começarmos a colher os seus frutos quando da próxima inauguração do Centro de Abastecimento São Sebastião.

Sr. Presidente: Acabamos de descrever, tão sinteticamente quanto possível, a vida do Mercado Municipal, as nossas angústias ao vê-lo condenado, a nossa alegria pela obra que estamos ajudando a realizar e os programas a que nos impuzemos.

Por esta descrição — feita mais com a alma do que com as palavras — duvidas não podem pairar sobre o nosso desejo de auxiliar o progresso da cidade, de beneficiar a sua população e de colaborar com as autoridades.

Para cumprirmos esse programa, precisamos da colaboração da Prefeitura para que, até o fim do ano — quando estará pronto o Centro de Abastecimento São Sebastião — tenhamos água, esgotos, luz, força e telefones, para ali nos poderemos instalar.

Precisamos, também, sr. Prefeito, fazer um apêlo a V. Excia.: Como é do conhecimento geral, o Centro de Abastecimento São Sebastião está sendo financiado, única e exclusivamente, com dinheiros particulares, da Cruzada, do grupo Kosmos e dos comerciantes, que se associaram a essa gigantesca obra. Nesse empreendimento, sr. Prefeito, nós os comerciantes, invertemos nossas economias e assumimos o compromisso com a Cruzada de, mensalmente efetuar os pagamentos que lhe irão permitir, com outros recursos, completar a obra. Para mantermos esse acôrdo, necessário se torna que possamos continuar trabalhando em ritmo normal. Um colapso em nossas atividades, nos impossibilitaria cumprir os nossos contratos; não poderíamos efetuar os nossos pagamentos em dia como o vimos fazendo até o presente momento; isto com toda a certeza iria comprometer os planos financeiros da Cruzada e dificultar a consecução do empreendimento que será, sem dúvida, o motivo de orgulho das nossas duas ou três próximas gerações. Daí, sr. Prefeito, que, aproveitando este momento sole-

ne, fazemos um apêlo, que esperamos seja também apolado pela Associação Comercial, pelo nosso patrono Dom Helder Câmara e atendido por V. Excia. para que o atual Mercado Municipal não seja demolido até o fim do ano, quando então estará pronto o setor hortigranjeiro do Centro de Abastecimento São Sebastião. A própria demolição parcial, que V. Excia. já nos prometeu, sr. Prefeito, não nos tranquiliza. O mercado é um organismo que só funciona com o conjunto de todos os seus órgãos. Aparentando embora independência entre eles, a sua unidade é perfeita e harmônica e a lesão de um seria a morte de todo. Sr. Prefeito, se a área do atual mercado já é pequena para os seus próprios serviços, imaginemo-la após, comprometida com o estacionamento e circulação de máquinas de construção e de demolição; montes de materiais etc. se as suas condições atuais de higiene e conforto não são das melhores, imaginemo-las mais comprometidas, com nuvens de poeira a cobrir mercados e fregueses, com o ruído do seu próprio movimento acrescentado do barulho ensurdecedor das máquinas e bate-estacas. Por outro lado, sr. Prefeito, precisamos de sua resposta favorável para podermos tranquilizar os homens do campo, os soldados da produção, os nossos fornecedores, a quem, no interior, chegam de maneira mais alarmante as notícias da demolição eminente do atual empório comprometendo cada vez mais o nosso sistema de abastecimento.

Tão grande é a intranquilidade no interior com a possibilidade de demolição do atual mercado total ou parcialmente antes de construção de seu substituto que prefeitos e lavradores das cidades fornecedoras da nossa praça aguardam o resultado das nossas "demarches" para virem em comissões a Capital reter o nosso pedido ou agradecer o seu atendimento.

Sentimo-nos bem ao fazer este pedido de adiamento da demolição, como nos sentiríamos mal se tivéssemos que pedir a sua impossível sustação. Porque esta solução não trará prejuízo às obras da Perimetral, cuja construção poderá prosseguir em outros trechos e ligá-la posteriormente, como aliás parece estar previsto para o trecho do Club da Aeronáutica, enquanto nesses poucos, próximos meses, se termina a construção do Centro de Abastecimento São Sebastião.

Sr. Presidente: Pedimos desculpas por não ser o nosso discurso apenas de agradecimentos a V. Excia., a S. Excia., o sr. Prefeito, a S. Excia. e Reverendíssima o sr. Arcebispo, aos senhores deputados e vereadores, e a todos os senhores e senhoras que tanto nos honraram com as suas presenças e, se tivemos, como homens objetivos que somos, que incluir em seu texto, os apelos que aqui deixamos consignados.

Certos fiquem, entretanto, que penhorados estão os nossos cora-

RAPIDEZ...

em suas
comunicações
com o Exterior,
pelos circuitos
radiotelefônicos e
radiotelegráficos
diretos da



VIA RADIOBRAS

COMPANHIA
RADIOTELEGRÁFICA
BRASILEIRA

Rio - São Paulo
Santos - Recife

Categoria geral de importação

O Conselho da Política Aduaneira, através das resoluções ns. 8 e 12, ambas de 1958, alterou a redação do item 84-60 e respectivos subitens, da Categoria Geral de Importação, bem como incluiu o nitrato de sódio com teor de nitrogênio de 16% ou menos, na referida Categoria, respectivamente. (D.O.I. 19-4-58 — pág. 8611).

ções a Vossa Excelência, bem como a esta casa, que tão carinhosamente nos abrigou."

A DIRETORIA

E' a seguinte a Diretoria da Associação dos Comerciantes do Centro de Abastecimento São Sebastião, ontem empossada para o período 58-60: Henrique Francisco Nogueira, presidente; Sebastião Rabêlo Guimarães, vice-presidente; Lauro Lacrois Lelvas, 1.º secretário; Isaac Horita, 2.º secretário; Antônio Lopes Filipe, 1.º tesoureiro; Afonso Gomes, 2.º tesoureiro e Francisco José Moraes, bibliotecário.